



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JARDEL SANTOS FEITOZA

**A CULTURA POPULAR DO CORDEL NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-
PB**

CAMPINA GRANDE - PB
2023

JARDEL SANTOS FEITOZA

**A CULTURA POPULAR DO CORDEL NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-
PB**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia, da Unidade Acadêmica de Geografia (UAG) do Centro de Humanidades (CH), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* Campina Grande-PB, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iveralda Dantas da Nóbrega.

CAMPINA GRANDE - PB
2023

JARDEL SANTOS FEITOZA

Aprovado em: 14/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Iveralda Dantas da Nóbrega – UAG/CH/UFCG

Orientadora

Prof. Dr Sérgio Luiz Malta de Azevedo – UAG/CH/UFCG

Examinador Interno

Prof. Dr Lincoln da Silva Diniz – UAG/CH/UFCG

Examinador Interno

Prof.^a Dr.^a Cícera Cecília Esmeraldo Alves – UNAGEO/CFP/UFCG

Examinadora Suplente

Dedico à Ozelita Pereira dos Santos, eterna em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Caminhando para o término dessa jornada de formação docente inicial, tenho a honra de poder crescer ao lado de pessoas tão maravilhosas e competentes que tive o privilégio de encontrar ao decorrer do caminho. Em especial, gostaria de conferir meus agradecimentos:

- As três mulheres da minha vida: Edilene, minha querida mãe; Edvone, minha valiosa tia e Eloane, minha adorável irmã.
- Ao meu querido pai Georlando e, ao meu valioso tio Edenilson (Tio Preto).
- À minha prima, Najara Gomes e, ao meu primo, Jamilton Rodrigues que me acolheram de braços abertos na Paraíba.
- À Universidade Federal de Campina Grande e a todos aqueles que ocupam seu espaço.
- Aos professores da Unidade Acadêmica de Geografia, em especial a Professora Dra Ivanalda Dantas da Nóbrega pela preciosa orientação que com muita competência, generosidade, sagacidade e inteligência colaborou para a existência dessa monografia.
- À Banca Examinadora representada pelos professores Dra Ivanalda Dantas da Nóbrega, Dr Sérgio Luiz Malta de Azevedo, Dr Lincoln da Silva Diniz e Dra Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
- Aos companheiros/as de caminhada que de alguma forma ou outra também fizeram parte dessa jornada, em especial Ianne Durval, Erivelton Rosa, Martha Gabriella, Vinicius Guerra, Afrânio Machado, Mykael Silva, Thaís Alves, Elísia Gomes, Nívea Meneses, Joalisson dos Santos, Cleverton Felipe, Rita Dourado, Rafaela Alves, Diógenes Peres e Ane Machado.
- Aos participantes da pesquisa de campo realizada na Vila do Artesão.
- A todos os poetas e poetisas desse Brasil a fora.
- À vida em sua essência.

Obrigado!

Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia.
Michel de Certeau

RESUMO

O presente trabalho monográfico discute sobre o conjunto de símbolos referentes à literatura de cordel no espaço geográfico de Campina Grande, município localizado no Agreste Paraibano. Tendo como objetivo geral analisar a inserção da cultura popular de cordel e suas representações no espaço vivido da Vila do Artesão a partir de um enfoque exploratório e descritivo. A respeito do delineamento metodológico da atual pesquisa, trata-se de uma abordagem qualitativa que partiu de um levantamento bibliográfico de pesquisadores de diferentes áreas que tem o Cordel como objeto de estudo, pesquisa documental a partir do acesso aos folhetos de cordéis como Monteiro (2011), Acopiara (2006) e Braga (2020), por fim, houve a realização de um trabalho de campo através de técnicas de observação e entrevistas abertas com cordelistas, artesãos, funcionários e visitantes da Vila do Artesão como forma de atingir os objetivos propostos. Deste modo, a realização deste estudo possibilitou evidenciar o contexto em que ocorreu a pesquisa e as ações dos sujeitos inseridos no espaço analisado. Os resultados alcançados indicam que a cultura popular nordestina em forma de folhetos de cordel resiste ao passar do tempo, atravessando gerações e se aperfeiçoando às mudanças advindas do processo de modernização vigente na atualidade.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Espaço. Literatura de Cordel. Campina Grande.

ABSTRACT

This monographic work discusses about a set of symbols referring to Cordel Literature in the geographic space in Campina Grande, a municipality located in the Agreste of Paraíba. The main aim to analyze the insertion of popular cordel culture and its representations in the lived space of Vila do Artesão by an exploratory and descriptive approach. The methodology of this research, it is a qualitative approach that started from a bibliographical research of researchers from different areas that have Cordel as an object of study, documental research based on access to cordel brochure such as Monteiro (2011), Acopiara (2006) and Braga (2020), lastly, the field work was carried out through observation techniques and open interviews with poets, artisans, employees and visitors of Vila do Artesão as a way to achieve the proposed objectives. In this way, carrying out this study made it possible to highlight the context in which the research took place and the actions of the subjects inserted in the analyzed space. The results achieved show that Northeastern popular culture in the form of cordel brochure resists the passage of time, crossing generations and improving itself to the changes arising from the current process of modernity.

Keywords: Cultural Geography. Space. Cordel Literature. Campina Grande

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de Localização do Município de Campina Grande – PB.	29
Figura 2 - Capa do folheto Campina dos meus amores.	33
Figura 3 - Caminhada exploratória no centro urbano de Campina Grande	46
Figura 4- Comercialização de folhetos na Praça da Bandeira.....	47
Figura 5 - A Vila do Artesão	49
Figura 6- Delimitação do espaço da Vila do Artesão no município de Campina Grande	50
Figura 7- Bonecos de pano de Lampião e Maria Bonita.....	51
Figura 8- Literatura erudita e literatura popular na Vila do Artesão	52
Figura 9 - Estrofes de folheto de cordel.....	53
Figura 10- Sujeitos ocupantes do espaço reunidos em círculo.....	54
Figura 11- Casa feita de barro e madeira na Vila do Artesão	57
Figura 12- Cordelaria Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes	59
Figura 13 - Obras sobre folhetos de cordéis.....	60
Figura 14- Xilogravuras e folhetos na Cordelaria Josafá de Orós na Empório das Artes	62

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO.....	11
2.0 A CULTURA POPULAR DA LITERATURA DE CORDEL	15
2.1 Culturas no Brasil: do popular ao geográfico	15
2.2 O folheto de cordel e sua poesia popular	19
2.3 As mudanças no cordel e seu espaço de (re)existência no nordeste brasileiro	21
3.0 BREVES REFLEXÕES ACERCA DO ESPAÇO SOB O VIÉS CULTURAL	27
3.1. A cidade como arranjo da cultura no espaço	27
3.2 O município de Campina Grande-PB	28
4.0 O ESPAÇO VIVIDO DE CAMPINA GRANDE RETRATADO NAS RIMAS DE MANOEL MONTEIRO	31
4.1 O espaço dos fenômenos e das manifestações.....	44
4.2 A inserção da cultura popular do cordel na Vila do Artesão	48
CONSIDERAÇÕES.....	65
REFERÊNCIAS.....	66

1.0 INTRODUÇÃO

No Brasil, a literatura em forma de folhetos de cordel surgiu em meados do século XIX, na região do Nordeste brasileiro com os primeiros folhetos impressos, desenvolvendo-se e expandindo-se durante todo o século XX. A diversidade em temas e a riqueza cultural apresentada nos folhetos fazem do cordel objeto de estudo para diversos campos dos saberes, como a Literatura, História, Antropologia e, evidentemente a Geografia, visto que há uma grande potencialidade ao texto escrito do cordel em retratar contextos socioespaciais a partir de um posicionamento fenomenológico, ao qual se registra aspectos culturais, geográficos e históricos que enriquecem o conhecimento e suas formas de expressá-lo.

Dentro desse horizonte, a presente pesquisa se refere ao estudo da dimensão geográfica da cultura popular dos folhetos de cordel, que direciona à compreensão da condição contemporânea dos sujeitos sociais e das manifestações culturais no espaço geográfico. Dessa forma, busca-se analisar a inserção da Literatura de Cordel no município de Campina Grande, tendo como recorte espacial a Vila do Artesão. Além disto, a presente pesquisa possui como objetivos específicos: investigar a trajetória dos folhetos de cordel em solo brasileiro a partir de fatos históricos e geográficos; explorar o conceito de espaço sob a óptica da geografia cultural; apresentar as potencialidades das rimas de cordel em retratar o espaço geográfico de Campina Grande através da obra de Manoel Monteiro.

Cabe desde já salientar que o trabalho que ora se apresenta justifica-se pelo aprofundamento teórico-metodológico que se estabelece como possibilidade de estreitar os laços entre a Ciência geográfica e a Literatura, em sua forma de cultura popular por meio dos folhetos de cordel. Indica-se dessa forma, caminhos para o entendimento da construção e da espacialidade de manifestações culturais, no intuito de fortalecer e corroborar para este campo de pesquisa na Geografia Cultural. Procura ainda fornecer uma contribuição na inserção e fortalecimento da utilização da Literatura de Cordel no meio acadêmico, colaborando, deste modo, com a difusão da cultura popular expressada pelas rimas do Cordel.

A motivação desta pesquisa se concretizou devido à paixão literária acerca dos folhetos de cordéis com toda sua potencialidade artística, teor educacional, representação espacial e característica de uma cultura de resistência secular. Além disto, outro fato que despertou o interesse da temática foi à oportunidade de realizar a pesquisa de campo em Campina Grande,

por ser uma cidade de diversos encontros culturais, privilegiada por sua localização geográfica que se mantém como rota de muitos caminhos, tornando-se possível, deste modo, o registro de várias expressões artísticas, como a Literatura de Cordel, a qual atinge grandes dimensões, atravessando gerações e englobando diversos circuitos. Ao trazer este panorama, reluzem as possibilidades de uma formação inicial que valoriza as diferentes formas de leitura do espaço geográfico, ao passo que contribui para o exercício da docência que considera a bagagem cultural e a identidade social dos sujeitos.

O cordel que compõe o repente, folheto e xilogravura guarda em sua materialidade uma tradição cultural de oralidade e escrita que se transforma e se renova para além da própria poesia. Assim, três perguntas inquietantes levaram a realização da pesquisa, são elas:

1. Como a Literatura de Cordel se manifesta no espaço geográfico?
2. Como a cidade de Campina Grande é retratada na obra de Manoel Monteiro?
3. Quais foram as principais mudanças que ocorreram nos folhetos de cordel?

A tradição da cultura popular de cordel, nas palavras de Nemer (2010), pressupõe o compartilhamento de saberes e experiências e o uso da cultura como instrumento de luta, de afirmação de identidades e de ocupação de espaços. Deste modo, pode-se afirmar que o cordel se estabelece como uma manifestação de resistência das tradições culturais da Paraíba, do Nordeste e do Brasil e, que por sua vez, ocupa espaços materiais e imateriais.

Posto isto, percebe-se a importância de realizar pesquisas que abrangem a cultura popular de cordel liame à geografia, ao mesmo tempo em que preserva e valoriza a herança dos cordelistas e fomenta a afirmação espacial das tradições culturais nordestinas. Dessa forma, a fim de gerar um melhor entendimento sobre a relação do espaço urbano e a cultura de cordel, utilizou-se de uma abordagem pautada na corrente de pensamento da Geografia Cultural. Assim, tomou-se como referencial teórico, na investigação e nas análises realizadas, os estudos de Calllai (2000), Claval (1999), Santos (2004), Holzer (1992), Corrêa (2011), Isnard (1982), entre outros.

No tocante ao delineamento metodológico, verifica-se uma pesquisa de teor qualitativo que deu a largada partindo de um levantamento bibliográfico de pesquisadores de diferentes áreas que tem o Cordel como objeto de estudo, utilizando-se das mais variadas fontes bibliográficas, como artigos científicos, livros e dissertações tal fato orquestrou na depreensão dos dados e das informações de que se trata o campo de estudo da pesquisa que resultou neste

trabalho monográfico. Também se realizou uma pesquisa documental a partir do acesso aos folhetos de cordéis de autores como Monteiro (2011), Acopiara (2006) e Braga (2020).

Em um segundo momento, a fim de evidenciar a manifestação da cultural popular dos folhetos de cordéis dentro do espaço geográfico do município de Campina Grande, realizou-se um trabalho de campo nos pontos de vendas, palanque de artistas, cordelarias e bancas de revistas, no intuito de verificar a espacialidade do cordel na cidade. Até que, por via das andanças acompanhadas da leitura espacial, a Vila do Artesão foi averiguada como local com fortes influências da inserção do Cordel em seu espaço vivido e selecionada como recorte espacial do nosso estudo, possibilitando, dessa forma, na obtenção de análises mais abrangentes sobre as condições de circulação, distribuição e comercialização do nosso objeto de estudo na atualidade.

O trabalho de campo contou com a participação de artesãos, cordelistas, comerciantes, visitantes, gestores e funcionários da Vila do Artesão. A colaboração com o trabalho ocorreu pela livre e espontânea vontade dos entrevistados que estavam disponíveis em participar. Os instrumentos de coleta dos dados sobre a temática proposta girou-se em torno de questionário com perguntas dissertativas e entrevistas abertas entre os agentes encontrados no espaço analisado. Assim, a análise de dados segue um teor qualitativo.

A entrevista aberta, por sua vez, como instrumento de coleta de dados é valorizada por alcançar excelência na investigação social e determinar opiniões sobre fatos. Em nossa pesquisa ela teve como objetivo levantar dados acerca da logística e diagnosticar aspectos geográficos a partir da manifestação da cultura cordelista presente no espaço da Vila do Artesão. “Embora tal técnica de coleta de dados apresente dificuldades do ponto de vista quantitativo-estatístico, entendemos que questões abertas dão maior flexibilidade de resposta, evitando a indução para respostas previamente selecionadas (LAKATOS; MARCONI, 2002).

A presente pesquisa está dividida em 4 (quatro) capítulos. Após a introdução, o leitor encontrará o segundo capítulo, intitulado de *A Cultura popular da Literatura de Cordel*, em que evidencia-se um retrato histórico e geográfico do folheto de cordel no Brasil, apresentando suas origens e mudanças na cultura popular brasileira; em seguida, no terceiro capítulo denominado de *Breves reflexões acerca do espaço* são colocados em evidencia o conceito de espaço sob o viés da Geografia Cultural, bem como a localização da cidade de Campina Grande no Estado paraibano por meio de mapas e dados geográficos. Dando continuidade, está o capítulo *O espaço vivido de Campina Grande retratado nas rimas de Manoel Monteiro*, dedicado em

analisar os símbolos e representações na obra *Campina dos meus amores* do cordelista Manoel Monteiro. Ainda, pretende-se nesse capítulo expor os resultados do trabalho de campo feito na Vila do Artesão, espaço-cultural do município. Por fim, há as considerações.

2.0 A CULTURA POPULAR DA LITERATURA DE CORDEL

O presente capítulo evidencia algumas reflexões a respeito do conceito de cultura por meio das colaborações do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), bem como traz a conceitualização de cultura popular no intuito de chegar à definição de Literatura de Cordel. Além disto, relata-se neste capítulo a respeito da Geografia e seu interesse sobre a cultura e a sociedade por via da abordagem Cultural. Dando continuidade, será retratado como os primeiros folhetos de cordel chegaram ao Brasil, ainda a bordo das caravelas portuguesas, e como foi ganhando espaço em terras brasileiras. Por fim, evidencia-se as principais mudanças nesse gênero literário e a sua espacialidade na cidade de Campina Grande durante o Século XX.

2.1 Culturas no Brasil: do popular ao geográfico

Para início de conversa, valemo-nos de algumas breves discussões a respeito da cultura, antes de procedermos com a presente pesquisa, visto que na análise realizada por vias da geografia cultural, considera-se como pilar “entender o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos” (CLAVAL, 2011, p. 14). É sabido que a cultura se firma como interesse de diversas áreas de pesquisa, sendo, dessa forma, objeto de estudo de diferentes ciências. Posto isto, é possível dizer que se trata de um conceito de caráter polissêmico, contendo um grande leque de abrangências e significados. Afirmou Kramsch (1998) que o conceito de cultura é um conceito essencialmente plural. Investigar a profusão da cultura não é objetivo desse trabalho, porém faz jus trazer a definição elaborada por Warnier (2003, p. 23) em que diz:

A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação. Toda cultura é singular, geograficamente ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio. Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico.

Essa abordagem da cultura dada por Warnier se baseia na famosa definição do antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, para quem:

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (1871, p.1 apud CUCHE, 1999, p. 35).

Com isto, desde 1871 quando Edward Burnett Tylor (1871) empregou pela primeira vez o termo cultura em seu livro *Primitive Culture* para referir-se a todos os produtos materiais, espirituais e comportamentais da vida social humana o referido autor (*ib. id.*) contribuiu de forma demasiada, estabelecendo-se como a primeira que se tem relato no âmbito da Antropologia, ainda no Século XIX. Assim, pode-se afirmar que a cultura é produzida na vida em sociedade, sendo transmitida e transformada pelo meio social. Deste modo, conclui-se que a cultura faz parte do ser humano. O cordelista Moreira de Acopiara (2006, p. 2) nos mostra que a cultura pode se expressar em distintos elementos:

Em tudo você vai ver
 Uma dose de cultura;
 Nas roupas que nós vestimos,
 Na nossa literatura...
 Os cocos e as emboladas
 São a cultura mais pura.

[...]
 E pra concluir: cultura
 É algo bem natural;
 São lendas, crenças de um povo,
 É território atual.
 São histórias, são costumes,
 E é progresso social.
 (ACOPIARA, 2006, p. 2)

Na geografia, o interesse pela a cultura é algo que não vem de hoje, haja vista a relevância das manifestações culturais em descrever a diversidade da superfície terrestre. Entretanto, a abordagem que abarca as relações sociedade, cultura e natureza tornou-se objeto central de geógrafos, a nomes de Friedrich Ratzel, (1844-1904), Otto Schuter (1872-1952) e Paul Vidal de La Blache (1845-1952) apenas no final do Século XIX. Assim, a dimensão cultural viria a se tornar necessária para a real compreensão do mundo. Dentro deste panorama, é importante ressaltar que a cultura não é singular. A cultura é dinâmica e plural, podendo ser expressa de diferentes formas. Para Rastier (2010) o estudo da diversidade da cultura é imprescindível ao entendimento da própria condição humana. Dessa forma, pretende-se a partir do vasto universo da cultura elencar algumas definições a respeito da cultura popular, contexto em que se insere a manifestação da Literatura de cordel.

De acordo a Arantes (2001, p. 16) a cultura popular é vista por meio de dois prismas: o primeiro a compreende como sinônimo de folclore, isto é, como um conjunto de práticas sociais, objetos e concepções tradicionais; o segundo considera a cultura popular como herança de uma cultura “erudita” de outros tempos ou até de regiões que foram filtradas pelas

incessantes camadas da estratificação social. Assim, na presente pesquisa, entendemos a cultura popular como elemento social que perpassa sua tradição, sendo fluida em modernização e transformação, sem fazer com que suas raízes originárias caiam no esquecimento. Nesse sentido, cabe apresentar as ponderações realizadas nos estudos de Cristiane Nepomuceno (2005, p. 31) em que diz:

À própria cultura popular e ao povo cabe reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, tampouco pré-moderna e atrasada. Necessário se faz apreender a cultura popular como resultado de momentos históricos específicos e conseqüentemente dinâmica, apta a apropriar-se das práticas culturais mais diversas e adaptá-las ao seu cotidiano

Assim, os sistemas de significados encontrados na cultura popular são repassados de época em época, cultivando sua tradicionalidade, ao mesmo tempo em que agrega elementos de inovação. Dentre as diversas expressões da cultura popular, está a literatura de cordel, a qual é advinda de terras europeias. Como é possível observar no livro *Breve história da Literatura de Cordel*, obra de Marco Haurélio, ao qual ele afirma que “A literatura de Cordel [...] chegou ao Brasil [...] a bordo das primeiras caravelas. É próprio do homem, em seu constante deslocamento geográfico, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantem a sobrevivência, a sua cultura.” (HAURÉLIO, 2010). Chegando ao Brasil, se fez em traços tipicamente do Nordeste brasileiro, estando presente em nossa cultura popular há muito tempo, sendo conhecida antes entre seus admiradores como *folhetos de feira*, como demonstra o cordelista paraibano Medeiros Braga (2020), membro da Academia Brasileira de Cordel:

Nos meus tempos de garoto
Já lia em muita ribeira,
Eram eles conhecidos
Como ‘folhetos de feira’
Isso, de fato, garanto,
É história verdadeira.

Depois passou-se a vender
Escancarados em cordão,
Por conta disso seu nome
Sofreu essa alteração,
Chamou-se, então, de cordel
Porém, há contestação.

Também nos dizem que ele
Não nasceu cá no Brasil,
Que veio de longas plagas
Já trazendo esse perfil,
Que aqui se encravou
Como um tiro de fuzil.

Mas, o cordel que nós temos
Com o poder de encantar,
Tão perfeito que o leitor
Pode os seus versos cantar,
Esse não veio de fora
Isso eu posso assegurar.

O que veio lá de fora
Foi folheto sem tal forma
Com versos desfigurados
Tendo até prosa por forma,
Artigos, pequenos contos,
Que ao cordel só deforma.

Esses folhetos de feira
Que chamamos de cordel
Com as regras definidas,
Com seu formato fiel
Esse é todo brasileiro
E nós temos a granel.

Ele está na escola e rua,
No reisado e na ciranda,
Há muita gente escrevendo
E lendo pra toda banda,
Fato é que a produção
Cresce mais com a demanda.

Já não é só no Nordeste
Que o cordel se vê mais,
Também é composto e lido
Lá pelas Minas Gerais,
São Paulo, lá pelos pampas,
Acre, Rondônia, Goiás.

Pelo Rio de Janeiro
Já tem muito menestrel,
E essa literatura
Fazendo um belo papel
Tem a sua Academia
Brasileira de Cordel.

Mas, insistem que ele veio
Com os colonizadores
Com migrantes romanceiros,
Saudosistas, trovadores,
Que cantavam os seus versos
Pra minorar suas dores.

Mas o cordel que nós temos
É outra coisa em poesia,
Na formação das estrofes
Nas regras que o vate cria,
Na rima, ritmo e métrica
Com poema e sinfonia.

(BRAGA, 2020 p. 3-5)

No subcapítulo a seguir será abordado a respeito do surgimento da Literatura de Cordel, bem como alguns fatos no que condiz a respeito da consolidação e circulação dos folhetos em rimas de cordel em terras brasileiras a partir de fatos históricos e geográficos.

2.2 O folheto de cordel e sua poesia popular

Sabemos que a colonização lusitana no Brasil iniciou-se na região Nordeste, a qual recebera os primeiros folhetos de cordel trazidos pelos colonizadores, ainda no início da colonização. Antes da chegada em solo brasileiro, essa tradição da literatura oral já se manifestava em várias regiões do continente europeu durante a Idade Média, tendo seus apreciadores de diferentes camadas sociais, antes mesmo do aparecimento em folhetos. Todavia, vale ressaltar que uma das características centrais desse gênero compete ao seu caráter popular. Como afirma Marinho e Pinheiro (2012, p.17), “no Brasil o cordel é sinônimo de poesia popular em verso. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados de literatura de cordel”.

Dessa forma, entendemos a literatura de cordel, como sendo uma expressão artístico-cultural que registra a história e a trajetória de um povo, assim como, caracteriza-se por uma ação poética que dá vida à sociedade através da cultura popular. No intuito de estreitar os laços entre esse gênero literário e o leitor, trazemos outra definição, a qual diz “a literatura de cordel é uma literatura popular, com versos em rimas, contos de casos da realidade, romances escritos e contados em linguagem popular, que durante muitos anos era o meio de informação mais utilizado no período de colonização do Brasil.” (OLIVEIRA, 2018). Por via das rimas do cordelista Medeiros Braga (2020), membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, podemos compreender mais afundo sobre a definição de Cordel:

Perguntaram, certa vez,
Ao mestre Raymond Cantel,
Um francês, estudioso,
Que saber tem a granel
O que vinha a ser, de fato,
Ao pé da letra, o cordel.

Já podia bem de antes
Por certo conceituar
De ‘narrativa e impressa’,
Vindo ele acrescentar,

Com maior convencimento,
A palavra “popular”

O cordel definitivo,
Pôde um conceito ganhar:
‘É poesia narrativa,
Impressa e popular’
Por essa forma, podendo
O que pensa, narrar.

Assim, a narrativa do cordel esteve presente durante muitos momentos do percurso histórico-espacial entre o velho e o novo mundo, apropriando-se e significando-se aquilo que era captado no espaço vivido. Como pode ser observado nas palavras de Peloso (1996, p.78), ao pontuar que:

Herdeiro e depositário do fluxo legítimíssimo da tradição como memória convertida em descoberta, representa um ponto de chegada de materiais erráticos que têm atravessado como meteoritos o firmamento de sistemas culturais inclusive muito distantes, para depois serem reutilizados por uma vontade artística em que a coletividade se realiza com gostos e fórmulas próprias.

Retratando, dessa forma, por meio de rimas e versos poéticos, os acontecimentos oriundos do cotidiano apresentados aos narradores da literatura de cordel. Ao tecer saberes, que instigam um diálogo com a região nordestina, o folheto permite empreender discussões que podem colaborar de forma demasiada para o conhecimento geográfico. Pizarro (1994, p. 31-32) afirma que “os cordéis seguem sempre como recriação na qual se apresentam as permanências e ressignificações, efetivamente, assentadas nas histórias-matrizes. Todavia, não são sempre as mesmas histórias nem inteiramente outras”.

Em terras brasileiras, o fazer e o cantar dos versos dos cordéis se desenvolveu no Nordeste, onde encontrou sua paixão e fundou suas raízes. A tradição da Literatura de Cordel atravessa Séculos e se faz presente até os dias de hoje, carregando em si as tradições culturais do povo nordestino. Consagrando-se como um rico instrumento material que contribui para o conhecimento social, político, cultural e intelectual, ao qual favorece, acima de tudo, uma construção de identidade moldada por valores e grande diversidade de expressão artística. Assim, sua produção começou no Nordeste brasileiro, mas logo se expandiu por outras regiões do país, como aponta Haurélio (2010, p.16) “desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas”. Segundo Terra (1983, p. 36):

Sabe-se que os folhetos eram difundidos no campo: nos engenhos e nas fazendas de gado do sertão. Na região dos engenhos, de maior estratificação social, seriam lidos e ouvidos por trabalhadores assalariados e moradores. No

sertão, o público dos folhetos seria constituído por fazendeiros. Em ambas as regiões, provavelmente eram difundidos entre os pequenos proprietários. Os folhetos contariam com maior audiência no campo onde seria uma das poucas formas de lazer e de fonte de informações.

A partir das considerações de Melo (1994, p. 8) a literatura em formato de cordel desempenhou várias funções no Nordeste brasileiro. Cumprindo seu destaque como veículo de informação e educação para o Homem do campo, pois numa época em que as cartilhas eram raras e não chegava gratuitamente ao homem rural, os folhetos cumpriam espontaneamente esta alta missão de emancipação social. Além disto, a comercialização da poesia também fornecia meios de subsistência aos poetas populares e aos proprietários de tipografias.

As técnicas mais usadas na produção do cordel são: xilogravura, a qual mantém como suporte uma placa de madeira entalhada que serve de matriz para sua impressão, zincogravura que são feitas através de clichês de zinco e, atualmente, a policromia, processo de impressão digital em que permite utilizar quatro cores nos folhetos. Fonte inesgotável de criatividade, o cordel conta com ilustres admiradores como Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. E esta admiração é recíproca: poetas populares buscam inspiração na literatura dita erudita e lançam releituras e/ou adaptações de grandes clássicos como *O alienista* de Machado de Assis e *A megera domada* de William Shakespeare.

Devido ao fato do cordel se estabelecer como fonte genuína de informação e conhecimento “é de suma importância aos profissionais da informação conhecer e interagir com esse tipo de fonte, a fim de conquistar a garantia de sua utilização” (MACIEL, 2010, p. 8). Sendo assim, No próximo subcapítulo busca-se evidenciar as principais mudanças ocorridas ao decorrer do tempo na Literatura de Cordel. Segundo Viana (2005), “a poesia popular impressa, denominada literatura de cordel, é uma das mais legítimas expressões culturais do povo nordestino.”

2.3 As mudanças no cordel e seu espaço de (re)existência no nordeste brasileiro

O folheto de cordel, como uma forma literária com registros impressos datam do Século XIX, constitui como um produto histórico-cultural, capaz de receber modificações ao longo do tempo. Segundo Viana (2005), a semente da cultura do cordel se formou em uma região específica do Brasil, o Nordeste. De acordo Diégues Jr. (1975, p. 6) a literatura popular em forma de cordel floresceu nessa região do país por algumas razões, entre elas:

No Nordeste, [...] por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores da formação social contribuíram para isso; a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular

Assim, “As temáticas da literatura de cordel são extremamente amplas e variadas: o cangaço, a política, o amor, o crime, fatos sobrenaturais, fantasias, valentia” (CORREA; CORREA; ANJOS, 2011, p. 200). Dessa maneira, as narrativas abrangem temas diversos, os quais mantêm relações com os acontecimentos de cada época, experiências subjetivas dos poetas, tal como sua capacidade de imaginação. Dentro desse prisma, Roberto Benjamim, conforme citado por Melo (2016, p. 25-26) assinala que:

[...] é marcante o fato de que os poetas populares acompanharam a sua época e produziram um cordel compatível com as novas situações, falando sobre temas que vão desde a migração do campo para a cidade, à emancipação das mulheres, o divórcio, o acesso à educação formal e as novas tecnologias, sendo fiéis à sua condição de mediadores entre a cultura de massa e as culturas populares

As maiores alterações no folheto de cordel foram notadas com maior ênfase em sua estrutura, quando em 1893 o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) começou a elaborar edições de forma mais sistematizada. Como podemos observar a partir do estudo de Carvalho (2005, p. 11):

O início da atividade editorial, no campo da literatura de folhetos, contou, nas últimas décadas do Século XIX, com a maquinaria ociosa dos jornais de Recife, com a Tipografia Minerva, de Fortaleza, a partir de 1892, e com outras gráficas da região. Período em que se estabeleceram os primeiros poetas/editores, como Leandro Gomes de Barros, em Recife, e Chagas Batista, na Paraíba, formadores do acervo que depois pertenceria a João Martins de Athayde, vendido, em 1949, a José Bernardo da Silva,romeiro alagoano estabelecido em Juazeiro do Norte, Ceará.

Deste modo, a impressão sistematizada das narrativas em rimas teve seus marcos iniciais no Nordeste, ao passo em que as tipografias se multiplicavam por todo o país. Os folhetos escritos em sextilhas, sextilhas ou décimas, compunha uma harmoniosa organização em sua métrica, ritmo e rima. Assim, podemos afirmar que a literatura de cordel se consolidou após o surgimento das tipografias, localizadas em um primeiro momento, nas capitais do Nordeste brasileiro. Como nos aponta Lima (1983, p.12):

A literatura de cordel, [...] só surgiria após o aparecimento das pequenas tipografias avulsas, espalhadas por várias cidades interioranas e capitais nordestinas, o que só ocorreu a partir dos fins do século passado. Desses centros maiores é que saíram e se difundiram pela região os folhetos de cordel, vendidos nas feiras livres e mercados, rodoviárias e ferrovias, etc.

Com as ponderações de Lima (1983, p. 12) é possível circunscrever as rotas dos folhetos de cordéis que tinham sua jornada inicial nas tipografias pertencentes ao trama dos espaços socioculturais e econômicos das capitais nordestinas e, em seguida sendo espalhados também para o interior. Além disto, o autor afirma que os cordéis eram vendidos nas feiras livres, mercados rodoviários e ferrovias. Assim, podemos afirmar que os locais de comercialização dos folhetos de cordel desde seu início se estabeleceu e se estabelece em espaços estratégicos, onde as negociações e divulgações alcançavam um maior número de público.

De acordo com Silva (2012, p. 17) “As histórias encontradas nos folhetos refletem os paradigmas da cultura onde foi criada, demonstrando como é a vida desse povo, suas sociedades e suas crenças”. Em meio a esta pluralidade de tema, duas fazem jus à proposta de análise dessa monografia, são elas: o retrato do espaço geográfico com seus símbolos e manifestações, bem como o enredo dos acontecimentos sociais a partir do cotidiano. Na produção dessas duas temáticas em rimas, destaca-se o trabalho artístico-cultural do poeta Manoel Monteiro da Silva (1937-2014), o qual dispõe de um grande acervo que contempla a cidade de Campina Grande e a vida em seu cotidiano, a exemplo de *Campina Grande dos meus amores* (2011), *São João Cultural arte com cara de festa* (2014) e *Nova história da Paraíba* (2015).

Posto isto, a representação do espaço vivido contido nas rimas de uma poema ou no enredo de um romance é significativo para a Geografia, no momento em que essas representações sugerem uma análise da leitura espacial. Uma vez que “A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras mais relevantes elementos de interpretação histórica e geográfica” (ARAÚJO apud in MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009, p. 492).

É buscando os conteúdos geográficos numa obra de arte, isto é, “geografizando”, que encontraremos o elo entre Geografia e Literatura. A amálgama entre ambas ajuda-nos na compreensão da realidade. Tanto do pretérito quanto do tempo presente. Nessa relação [Geografia e Literatura] podemos identificar como se dá o envolvimento do homem com a terra, em outros termos, como se dá o envolvimento do homem no espaço de existência (SOUZA, 2012, p. 83).

Tanto a poesia como o romance é visto por Marinho (2010, p. 84) como testemunha da realidade:

A poesia, ela, é uma forma particular de arte que se anuncia enquanto solo criativo do ser-espacial e que se pretende unificadora do corpo e do pensamento. Ela estabelece a tensão unificadora inscrevendo o homem no mundo e mediando o que há de afirmativo e de negativo nessa presença. A poesia, forma de objetivação específica do ser-espacial, afora alguns interstícios especulativos, surge, antes de tudo, da relação do homem situado com o lugar, o espaço de existência.

Dentro desse panorama, no que tange ao afastamento das bocas más afortunadas, Guillar (1965, p. 1) assinala ao tocante da poesia da literatura dita como popular que:

A expressão 'cultura popular' surge como uma denúncia dos conceitos culturais em voga que buscam esconder o seu caráter de classe. Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses coletivos do país. Em suma, deixa-se clara a separação entre uma cultura desligada do povo, não-popular, e outra que se volta para ele e, com isso, coloca-se o problema da responsabilidade social do intelectual, o que obriga a uma opção. Não se trata de teorizar sobre a cultura em geral, mas de agir sobre a cultura presente procurando transformá-la, estendê-la, aprofundá-la.

Com o passar do tempo, o cordel foi evoluindo e acrescentando novas alterações, as quais atingiram também as temáticas abordadas dentro das narrativas, mas sempre cogitando com a diversidade de conteúdo, assim como afirma Luyten (1992, p. 62) “Essa poesia, a literatura de cordel, [...] antigamente, ela era portadora de anseios de paz, de tradição e veículo único de lazer e informação. Hoje, ela é portadora, de outras coisas, de reivindicações de cunho social e político”. Assim como o cordelista Medeiros Braga (2020) nos mostra:

Cordel é literatura
Põe o romance no verso,
Traz ciência, conta história
Que se passou no universo,
Abre o olho do leitor
Se um governante é perverso.

[...]
Todo vate cordelista
Sempre tem o compromisso
De escrever para o povo,
De prestar o bom serviço
E nos momentos difíceis
Nunca, jamais, ser omissos.

É sabido que o gênero literário de cordel surge das expressões artísticas emergentes de diferentes classes e nações, tendo sua origem a partir dos poéticos de preeminência oral, como as cantigas portuguesas e as rodas de matriz africanas. Ao chegar no Brasil, a literatura em cordel teve sua maior manifestação na região Nordeste do Brasil, território de relações

escravocratas e de alto índice de analfabetismo, onde as inclinações artísticas por meio da experimentação poética dava vida no papel para retratar as vivências sociais, o espaço geográfico e também os devaneios da imaginação.

Devido ao grande fluxo de pessoas, o centro de Campina Grande, mais precisamente a Feira Central da cidade, tornou-se um local estratégico para a comercialização dos folhetos em cordel, fato que despertou a atenção dos poetas e das poetisas da região, fazendo com que muitos se estabelecessem e continuassem sua vida artística em Campina Grande. Popularizando, dessa forma, cada vez mais a literatura em cordel. Segundo Galvão (2001), os mercados municipais e feiras se estabeleceram como principais pontos de venda de folhetos a partir de 1930, devido a criação de um círculo voltado para a produção e circulação de folhetos em gráficas publicitárias, jornais e livrarias.

Cantados e vendidos em feiras, fazendas, praças e mercados, os cordéis abrangem um amplo leque de assuntos que refletem a vida do homem nordestino e propagam seus valores, imaginários e história (ARAÚJO, 2007; SILVA, 2008). Trazem desde tramas de amor não correspondido até sátiras políticas, passando por narrativas fantasiosas de príncipes e dragões, críticas sociais, relatos de atos heroicos, lições moralistas e religiosas, convidando o leitor a refletir sobre diversos aspectos de sua realidade (ASSIS et al., 2012; PEREIRA et al., 2014).

Já em meados do Século XX, a literatura em cordel teve que dividir espaço com o advento do rádio e, posteriormente, da televisão. Entretanto, a esta altura, os folhetos de cordéis já haviam se popularizado e alcançado grande escala de circulação entre as pessoas tanto da zona rural como também da zona urbana. Na realidade, a rádio colaborou ainda mais para a popularização da cultura de cordel com a participação dos poetas nas emissoras para divulgarem seus trabalhos poéticos. Deste modo, mesmo com a chegada dessas novas tecnologias ao Brasil, o cordel continuou em circulação, atraindo o olhar de novos leitores e conquistando cada vez mais espaço dentro e fora do Nordeste brasileiro, alcançando diferentes contextos culturais e históricos.

Além da rádio, outro veículo de circulação que viabilizou a propagação da cultura do cordel foram os fluxos das locomotivas dos trens, que percorriam no início do Século XX estações ferroviárias em diferentes cidades no Estado da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Neste tempo, a cidade de Campina Grande era o maior centro comercial e urbano do interior da Paraíba, apoiada no tripé: algodão, comércio e via férrea (TARGINO, 2001, p. 60).

Com a consolidação da indústria gráfica do cordel, muitas gráficas começaram a se instalar em Campina Grande, o que propiciou a confecção dos folhetos, aumentando a qualidade dos trabalhos e a quantidade de produção diária. Melo (2010) afirma que o cordel conheceu nos anos cinquenta, as condições mais favoráveis ao seu fortalecimento no Brasil. As primeiras gráficas em Campina Grande surgiram ao entorno da feira central, devido a grande maioria dos poetas terem a feira como palco para realizar suas performances e venderem os folhetos.

Na segunda metade do Século XX o cordel ultrapassou os limites das e do comércio nas grandes feiras. Dessa vez os folhetos de cordéis começaram a fazer parte do campo acadêmico, tornando-se objeto de estudos dentro das universidades públicas, passando a ser um gênero literário da cultura popular se juntando a obras eruditas como grandes signos de potencial educacional. Durante a ditadura militar, o laço entre os acadêmicos e os poetas estreitou ainda mais, uma vez que muitos pesquisadores repugnavam a barbaridade do regime político vigente e se debruçaram a resgatar manifestações populares que pudessem representar um outro lado da história dos fatos.

A ‘literatura popular’ e a ‘religião popular’ não são tão radicalmente diferentes da elite ou da religião do clero que impõe seus repertórios e modelos. Elas são compartilhadas por meios sociais diferentes e não apenas pelos meios populares. Elas são, ao mesmo tempo, aculturadas e aculturantes.” (CHARTIER, 1995)

Ao decorrer das décadas, a modernidade no Brasil foi se intensificando através da implantação de grandes indústrias e o advento de novas tecnologias. Com isto, os folhetos de cordéis foram sofrendo mudanças significativas em sua confecção e comercialização. Já no início do Século XXI a técnica de materialização do cordel passou a contar com o suporte da utilização de máquinas fotocopadoras em sua produção gráfica, integrando maiores possibilidades na impressão dos cordéis e aumentando sua produção. Deste modo, a tradição do cordel foi se reinventando para acompanhar os novos tempos, passando, desta forma, a circular também nos meios digitais.

Produzimos culturas, pois “somos seres culturais” (CHAUÍ, s/d, p. 268), mas também produzimos o espaço, o qual a cultura se evidencia. Assim, avançaremos na leitura com algumas discussões a respeito do conceito de espaço.

3.0 BREVES REFLEXÕES ACERCA DO ESPAÇO SOB O VIÉS CULTURAL

Busca-se nesse capítulo explorar algumas considerações a respeito do conceito de espaço pelas lentes da geografia cultural, tais abordagens favorecem na compreensão do leitor a respeito do tema discutido no *corpus* da presente pesquisa. No primeiro subcapítulo a cidade como arranjo no espaço busca-se explicar discussões sobre o conceito elencado a partir das ponderações de autores como Santos (2004), Holzer (1992) e Corrêa (1982). A seguir, no subcapítulo o município de Campina Grande-PB pretende-se localizar a partir de mapas e dados geográficos, a cidade de Campina Grande, no estado federativo da Paraíba, o qual se instaura como suporte físico-material-espacial para a inserção da cultura cordelista e palco das vivências cotidianas que servem de inspiração para os poetas e poetisas.

3.1. A cidade como arranjo da cultura no espaço

A relação do homem com a natureza constitui-se o que conhecemos como espaço geográfico, o qual é ordenado para servir de habitação do homem. Assim, partimos do pressuposto que o espaço é um fator social, o qual é produzido e transformado pelo homem através das técnicas. Diante do exposto, pode-se afirmar que o espaço é um resultado histórico, uma realidade construída ao decorrer do tempo e das ações humanas sob a natureza. Deste modo, o espaço geográfico corresponde à “natureza modificada pelo homem através do seu trabalho” (SANTOS, 2004, p. 150).

Assim, por meio das técnicas desenvolvidas ao longo do tempo o homem foi possível intervir na natureza, transformando-a no intuito de atender suas necessidades. Ao passo que os grupos humanos iam se apropriando do seu meio, também lhe atribuía valores políticos, sociais, culturais e econômicos. Milton Santos (2004) indica que o espaço envolve uma teia de relações e, para compreendê-lo é necessário considerar a estrutura, o processo, a função e a forma articulados de forma conjunta.

Posto isto, é possível afirmar que são as relações que acontecem no espaço, que o caracteriza. E este espaço é multidimensional. Assim, o homem é produto e produtor do meio. Na geografia cultural, o espaço ganhou novas concepções, as quais diferem daquelas atribuídas à geografia tradicional e à geografia teórico-quantitativa. Assim, o espaço ressurgiu na

geografia cultural da década de 1970 com o significado de espaço vivido. O conceito de espaço vivido têm suas origens a partir da escola francesa, sobretudo pelas considerações de Paul Vidal de La Blache, estando presente também na psicologia genética de Piaget, na Sociologia de onde se retiraria os conceitos de espaço-regulação, espaço-apropriação e espaço-alienação e na psicanálise do espaço baseado em Bachelard e Rimbart, de onde sai a discussão sobre o corpo, o sexo e a morte, segundo Holzer (1992).

Deste modo, pode-se observar que o espaço possui dimensões de análises distintas e concebe diferentes abordagens. Mas para a Geografia, quais são as categorias de análise do espaço? SANTOS (1985) nos dizem que o espaço deve ser analisado a partir das categorias estrutura, processo, função e forma, levando em consideração suas relações dialéticas. Diante disto, vale salientar que a análise que se apresenta como proposta de abranger os aspectos socioespaciais de uma dada realidade vivida e compartilhada não deve se limitar apenas às macroestruturas, mas delinear o espaço a partir do cotidiano, do espaço vivido, em que se considera o processo de produção e a pluralidade da vida. “O processo de produção da socrionatureza inclui processos materiais (edifícios e novos materiais genéticos) bem como múltiplas representações simbólicas e discursivas da natureza” (SWYNGEDOUW, 2009, p.103).

Nesse sentido, a presente pesquisa adota o espaço vivido, como sendo “uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido [...] que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário.” (HOLZER, 1992, p. 440). Dentro desse panorama, podemos constatar que o espaço vivido se mantém como campo das representações simbólicas. O simbolismo traduz em “sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura.” (ISNARD, 1982, p. 71) De acordo ao pensamento de Claval (2002) o conhecimento do mundo se faz através de representações, as quais podemos afirmar que se estabelecem no espaço vivido.

3.2 O município de Campina Grande-PB

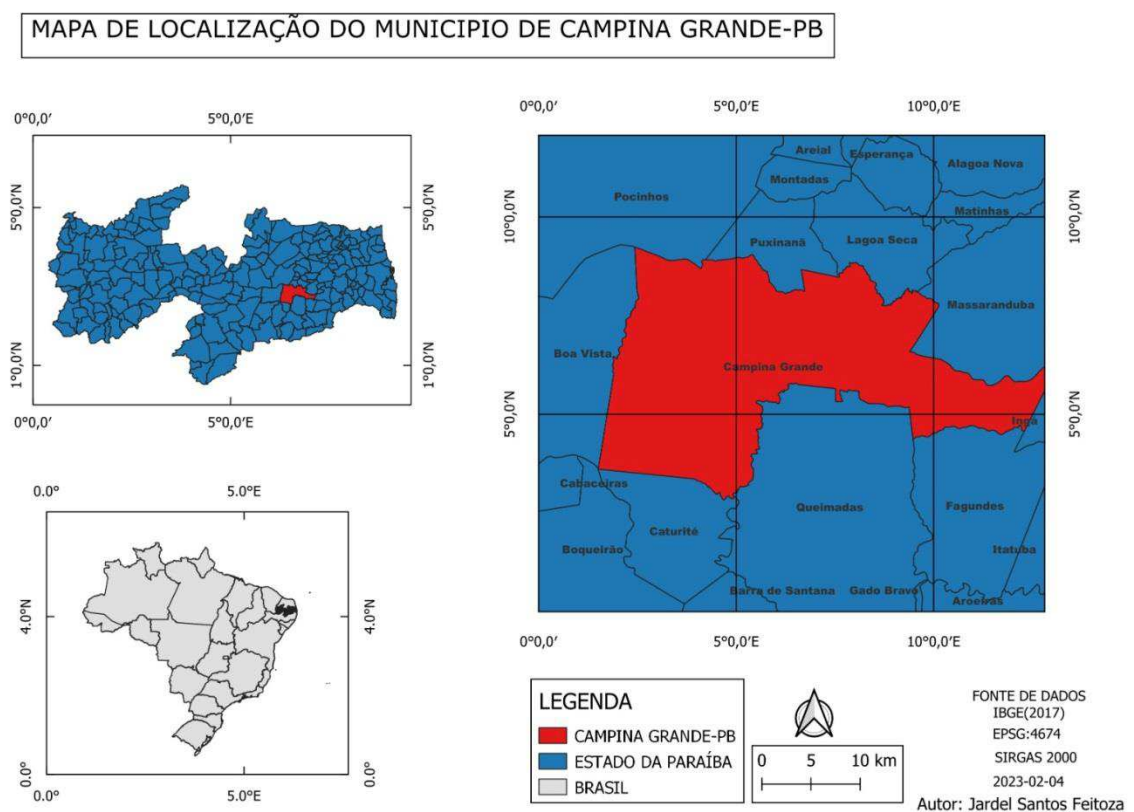
O espaço é o palco das relações humanas, nesta condição o espaço é produto, condição e obra da realização da vida humana (CARLOS, 1994). Dentro desse panorama, a cidade surge como o trabalho materializado que se deu e que se dá ao longo do processo histórico, revelando aspectos da vida. Posto isto, serão abordadas algumas ponderações sobre a cidade, antes de

continuarmos a leitura sobre o município de Campina Grande. Swyngedouw (2009, p.100) nos diz:

Observando mais de perto [...], a cidade e o processo urbano são uma rede de processos entrelaçados a um só tempo humanos e naturais, reais e ficcionais, mecânicos e orgânicos. Não há nada “puramente” social ou natural na cidade, e ainda menos antisocial ou antinatural; a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integradas, infinitamente ligadas e simultâneas; essa “coisa” híbrida sócio natural chamada “cidade” é cheia de contradições, tensões e conflitos.

A cidade de Campina Grande se localiza no Estado da Paraíba (Figura 1), sendo a segunda maior cidade do interior do Nordeste (a primeira é Feira de Santana-BA), a uma distância de 133,9 km da capital, João Pessoa. Ao Norte, o município de Campina Grande faz divisa com os municípios de Puxinanã; a Leste, com os municípios de Massaranduba e Fagundes; ao Sul com os municípios de Caturité e Queimadas, e a Oeste com os municípios de Pocinhos, Boa Vista e Boqueirão. Abaixo, podemos observar o mapa de localização da cidade de Campina Grande:

Figura 1- Mapa de Localização do Município de Campina Grande – PB.



Fonte: IBGE (2017) - Elaborado por FEITOZA, J. S. (2023).

A cidade possui população de 413.830 habitantes, segundo o censo de 2021 do IBGE, e uma área territorial de 591,698 Km², tendo como principais atividades econômicas no setor industrial e tecnológico, e também o de comércio, serviços e eventos (BRASIL, 2020). Ela se localiza sob o planalto da Borborema, aproximadamente 600m de altitude em relação ao Nível Médio do Mar (NMM).

Originou-se a partir de um aldeamento fundado por Teodósio de Oliveira Lêdo, Capitão-Mor, português, em 1697. Passando à condição de Vila em 1790, denominada de Vila Nova da Rainha, desenvolvendo alguma atividade mercantil, tendo em vista a sua privilegiada localização. (RODRIGUES; GAUDÊNCIO; ALMEIDA FILHO, 1996, p. 3).

A importância de Campina Grande é atribuída historicamente pela fertilidade dos seus solos, e, sobretudo, pela sua centralidade geográfica. Fincada, nas bordas orientais do Planalto da Borborema, a povoação denominada em 1968 de Campina Grande, conformou-se como entreposto comercial cardeal da região, um local de trocas e trânsito, parada de pouso para os tropeiros e boiadeiros que viajavam entre litoral e o sertão paraibano, deslocando-se entre as mesorregiões do Estado, como também para Estados circunvizinhos. (ALMEIDA, 1962). Assim como também nos afirma Irineo Joffily (1892), ao pontuar que:

Pela cidade de Campina Grande passavam todos os retirantes do sertão adjacente, o Cariri, e os que vinham além da Borborema, que se destinavam à capital da província. Era um lugar de parada para todos e de residência para muitos; mal acomodados em choupanas de ramos, estes e aqueles vivendo ao relento pelas calçadas, na maior confusão e aviltados pela maior miséria.

Nos dias atuais, a “Rainha da Borborema”¹, como costuma ser chamada popularmente, possui como principais atividades econômicas o setor industrial e tecnológico, e também o de comércio, serviços e eventos (BRASIL, 2020). No intuito de compreendermos aspectos, fenômenos e símbolos do espaço produzido e vivido da cidade de Campina Grande, nos debruçaremos na leitura do próximo capítulo.

¹ Pelo fato de Campina Grande ser uma cidade que se localiza na parte Oriental do Planalto da Borborema, ela é conhecida entre seus moradores por esta alcunha.

4.0 O ESPAÇO VIVIDO DE CAMPINA GRANDE RETRATADO NAS RIMAS DE MANOEL MONTEIRO

A dimensão simbólica é operante pelo os sujeitos que pertencem a um dado espaço vivido, os seres humanos dão sentido às suas existências e, para Claval (2009) é justamente este o campo de estudo da Geografia Cultural. A dimensão simbólica é operante pelos sujeitos que pertencem a um dado espaço vivido. A leitura do espaço, parte perante percepções fenomenológicas, entrelaçadas ao ponto de vista pertencente ao todo. Por mais que, a experiência das formas, símbolos, sensações, estruturas e substancias do espaço se dão de maneira conjunta, a leitura do espaço e suas concepções de mundo são subjetivas. Entretanto, vale lembrar que o ser humano, é um ser do espaço e do tempo. Assim, está determinado às amarras da formação socioespacial construída e moldada ao longo do tempo.

Dentro dessa complexidade, a literatura consegue se destacar como um grande instrumento de linguagem dotada de um potencial em retratar as interpretações do ser humano. Dessa forma, o discurso apresentado através dos gêneros textuais são portadores de sentidos e significados ricos em retratar aspectos sociais, revelar as experiências do cotidiano, tecer informações temporais descrever o espaço vivido. Ortega e Peloggia (2009) afirmam que a abordagem da realidade apresentada na literatura não é menos realista do que os discursos científicos, de modo a proporcionar o “calor humano” à “linguagem árida” que permeia o discurso científico.

Dentre a pluralidade de expressões da cultura popular está a literatura. Nesse cenário encantador da literatura feita de maneira popular, encontram-se os folhetos de cordel, os quais se mantem com uma linguagem acessível e cheia de ritmo. O cordelista confere por meio de sua poesia os sentimentos, as expressões, os valores e a cultura do povo nordestino, com um toque autêntico e, uma forma de narrativa particular. Através das rimas de cordel são abordados variados temas, dentre eles a cidade e seus acontecimentos do cotidiano, os quais é motivo de orgulho para o poeta popular.

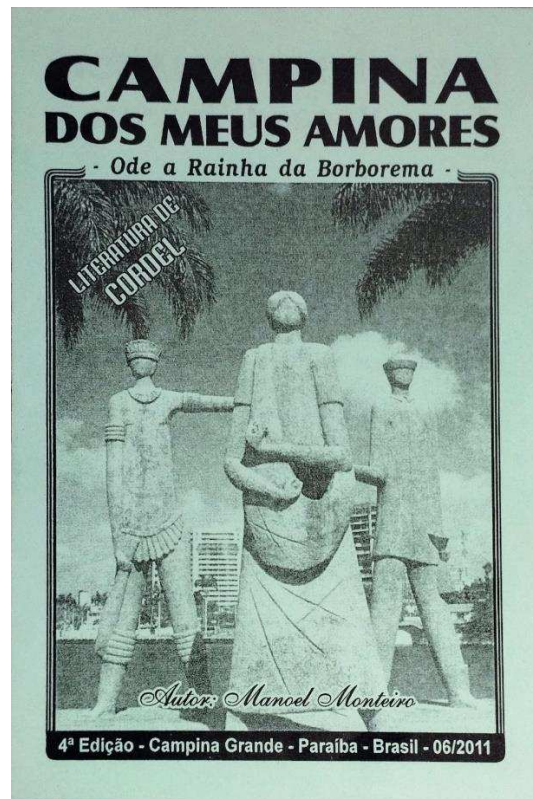
Uma consideração a ser feita gira em torno da construção da poesia do cordel é que ela se dá por meio de figuras de linguagem a exemplo de hipérboles, personificações, gírias, metáforas, entre outras. Nesse tocante, Ramalho (2018) nos traz a seguinte definição:

Entender o sentido de “linguagem figurada” é iniciar a viagem com a melhor bagagem, ou seja, aquela que não nos deixa passar frio, quando esfria; calor, quando esquenta; nem nos molharmos, quando chove. A linguagem figurada, portanto, é “pau para toda obra”, “tem mil e uma utilidades”, é um “Abre-te, Sésamo”, que atinge diretamente a caverna onde se escondem os melhores pensamentos de nosso leitor ou de nossa leitora.

Sendo assim, será conferido a seguir o cordel *Campina dos meus amores*, obra de Manoel Monteiro, cordelista que nasceu em uma família de agricultores, no dia 04 de fevereiro de 1937, na cidade de Bezerros interior da Unidade Federativa de Pernambuco. Aos 15 anos de idade chegou em Campina Grande-PB e aqui radicou-se. Com mais de 200 folhetos de cordéis publicados sobre diversos temas, Manoel Monteiro foi membro da Associação Brasileira de Literatura de Cordel - ABLC e ganhou o prêmio de melhor cordelista do Brasil em 2010. Participou do Projeto *Paraíba, Sim senhor!* Ao qual aborda figuras ilustres filhas deste Estado, por meio de informações, curiosidades e dados contidos nas rimas e nos versos. Deixou o mundo do cordel de luto ao falecer em 2014, aos 77 anos.

. O motivo que fez com que a obra *Campina dos meus amores* fosse selecionado se dá pela sua rica representação de símbolos da cidade de Campina Grande, ao revelar seu cotidiano e descrever sua história. Ao mesmo tempo em que cita elementos na narrativa que abrange espaços, memórias, personagens populares, significados e sentimentos.

Figura 2 - Capa do folheto *Campina dos meus amores*.



Fonte: Acervo particular do pesquisador.

Logo em sua capa, podemos observar os primeiros símbolos atribuídos ao folheto de cordel que retratam a cidade de Campina Grande. Trata-se do Monumento *Os pioneiros da Borborema*, representado pelo indígena, a catadora de algodão e o tropeiro. Construído pelo escultor pernambucano, José Corbiniano Lins, em homenagem ao centenário do município em 1964. Fica às margens do Açude Velho, localizado no centro da cidade.

1- No Nordeste brasileiro
A geografia traça
Uma cidade bonita
Que a brisa beija e abraça
'Bela namorada minha'
Todos a chamam de RAINHA
Por seu charme e sua graça.

2- No dorso da Borborema
CAMPINA está incrustada
Com o coração aberto
E a porta escancarada,
Os visitantes percebem
Que ao chegarem recebem
Festa, aconchego e pousada.

3- Teodósio de Oliveira

Ledo um dia aqui chegou
 Com o seu rebanho e seus homens
 Viu a paisagem achou
 Tão bela a localidade
 Que da futura cidade
 A sementinha plantou.

4- No começo, aldeamento
 De Ariús e tropeiros
 Aos lusos forasteiros
 E juntos fizeram o jogo
 De forjarem a ferro e fogo
 A saga dos pioneiros.
 (MONTEIRO, 2011, p. 1).

Nessas estrofes iniciais da poesia de Manoel Monteiro (2011) identificamos referências e representações da cidade de Campina Grande, abrangendo dimensões históricas, geográficas, sociais e econômicas. Estas referências surgem de formas diretas e indiretas, compondo e fazendo parte tanto do cenário artístico-cultural quanto do cenário político-econômico. Assim, ao citar a personalidade de Teodósio de Oliveira Ledo, o autor retrata a chegada dos pioneiros às terras que já eram ocupadas por índios, e que mais tarde viria a ser Campina Grande. Dessa forma, Monteiro (2011) continua:

5- Os nossos antepassados
 São de raças diferentes
 Por isto de luso e índios
 Todos somos descendentes,
 Nesta mistura, difusos,
 Pois negros, brancos, cafuzos
 São nossos 'primos/parentes.'

6- Um de nós tem pele clara
 Outro é mais amorenado,
 Um é leite com café
 Já outro é café queimado
 Tudo junto e diferente
 Por isso o sangue da gente
 Não pode ser separado.

7- Queira ou não queira nós somos
 Produto desta etnia,
 Branco, preto e amarelo
 Se misturam todo dia,
 Não precisa fazer guerra
 Mas filho nato da terra
 É o índio que já havia.

8- Lembrando sempre que o índio
 Teve presença marcante
 E o tropeiro ao chegar
 Contribuiu e bastante

Na coleta e plantação,
 Madeira, couro, algodão
 Cada qual, ciclo importante.
 (MONTEIRO, 2011, p. 2-3).

Um fato retratado nas rimas acima condiz à miscigenação presente na história da formação da cidade, tendo povos de origem afrodescendente, indígena e lusitana. Deste modo, observa-se que a história e a geografia de Campina Grande não se limita aos museus e espaços institucionalizados, mas também nas rimas dos cordéis e nas xilogravuras registradas. Como pode-se observar na rima de Monteiro (2011) Campina Grande era habitada originalmente por indígenas, sendo dos povos Cariris e Ariús.

9- VILA NOVA DA RAINHA
 Chamou-se em tempos d'antanho
 Mas por seu comércio forte
 Sua indústria e seu rebanho
 Desde o nascer que se expande
 Para ser CAMPINA GRANDE
 Por causa do seu tamanho.

10- Acima 600 metros
 Do verde mar litoral
 No chamado PIEMONTE
 Da BORBOREMA um portal
 Aonde se vê CAMPINA
 GRANDE já de pequenina,
 Cosmopolita e rural.

11- Entre as aragens do Brejo
 E o tépido Cariri
 Aos 120 quilômetros
 O Atlântico está logo ali
 Com o seu verde/azul régio,
 Por todo este privilégio
 É bom ter nascido aqui.
 (MONTEIRO, 2011, p. 3).

Ao decorrer do cordel, as rimas vão surgindo e trazendo dados relevantes para o compreensão acerca da cidade, no momento em que evidencia sua localização geográfica no Planalto da Borborema, na zona de transição do Agreste paraibano entre o Brejo e o Cariri. Além disso, o poeta explana a altitude de Campina Grande ao nível do mar, bem como a distância para costa litorânea. Segue as próximas estrofes do cordel:

12- No comecinho CAMPINA
 Era albergue de tropeiro
 Passou a ponto de escambo
 Um troca-troca 'maneiro'
 Que dia a dia aumentava

Onde se negociava
Sem precisar de dinheiro.

13- Quem tinha peles trocava
Por fumo, sal ou farinha
Quem tinha carne-de-sol
Trocava por pano e linha,
Quem tinha isso trocava
Por aquilo que não tinha.

14- Quando apareceu dinheiro
Alguém abriu uma venda
Pra despachar aguardente,
Sal, querosene e fazenda
É quando o mascate aflora
Para trazer lá de fora
Bugigangas de encomenda.

15- A indústria e o comércio
Foram ocupando lugar,
Chegava gente de fora
Para vender e comprar
Iniciando um processo,
Quem vinha e via o progresso
Não queria mais voltar.
(MONTEIRO, 2011, p. 4).

A partir dessas estrofes, é possível observar nas rimas da poesia de Manoel Monteiro (2011) alguns processos que estavam acontecendo em Campina Grande. Entre eles, estão o caminhar do crescimento e progresso da cidade, bem como o aumento populacional e a ampliação do comercial. Como nos aponta, Lima et al. (2013, p. 20)

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade experimentou uma significativa expansão. A ampliação do comércio, com a chegada da estrada de ferro, em 1907, provocou o aumento do número de habitantes e habitações. O algodão foi para a cidade, à época, a principal atividade econômica que atraía comerciantes de várias regiões. Até a década de 1940, tornou-se a segunda maior exportadora de algodão do mundo, atrás somente de Liverpool, na Inglaterra, dando início ao período conhecido como “era do ouro branco.

Dessa maneira, a poesia consegue evidenciar fatos de um tempo histórico, em que os costumes, processos e condições são diferentes dos atuais. Ademais, a poesia assinala a respeito da ida e vinda de indivíduos pertencentes a outras regiões que chegavam em Campina Grande para negociar, retratando, assim, o fenômeno de migração pendular. Tal como o desejo de na cidade continuar, uma vez que eles não queriam mais voltar. Continuando (MONTEIRO, 2011, p. 5-6):

16- Foi em Mil e oitocentos

e sessenta e quatro, Outubro,
 Que aos 11 daquele mês
 Passando da puberdade
 CAMPINA virou Cidade
 Em sua História descubro.

17- Em CAMPINA o povo é bom,
 O clima ameno e gostoso
 Turistas são recebidos
 De modo bem carinhoso,
 Nesta cidade robusta
 Chegar e ficar não custa,
 Mas ir embora é custoso.

18- Já as portas da cidade
 Há um testemunho mudo
 No colhedor de algodão
 No índio forte e sisudo
 No tangerino valente
 Trio muito competente
 Aos quais devemos tudo.

19- CAMPINA tem pra mostrar
 Um parque fabril fluente
 24 graus de clima
 Isto em média, anualmente,
 Bem pouca poluição
 E uma população
 Duns 500 mil pra frente.

20- Quem vem pra trabalhar
 Encontra porto seguro
 Incentivo, mão de obra
 Oportunidade, ar puro,
 Quem desejar progredir
 Conosco vai conseguir
 Ter sucesso no futuro.

Podemos testemunhar nos versos que Manoel Monteiro (2011) perpassa um sentimento de pertencimento e crescimento pessoal ao narrar que os que chegam à cidade terão sucesso no futuro. Pode-se também encontrar em seus versos, o momento em que Campina Grande é elevada à condição de cidade, indo de acordo às palavras Rodrigues, Gaudêncio, Almeida Filho (1996, p. 3) ao dizer que:

A 11 de outubro de 1864, tendo já o nome de Campina Grande, haja vista os capinzais que a cercavam, passa inspiradamente à condição de cidade, convertendo-se nas décadas subsequentes na mais populosa localidade do interior paraibano: em 1888, estimava-se cerca de 4.000 habitantes.

Dando continuidade às estrofes do presente cordel, recitamos:

21- Quem trabalha tem direito
 A diversão e lazer
 Por isso CAMPINA sempre
 Está disposta a fazer
 Sem delonga e sem atalho
 Um elogio ao trabalho
 E um tributo ao prazer.

22- Assim em junho CAMPINA
 De modo doce e gentil
 Faz seus dias mais alegres
 Seu céu mais cor de anil,
 Para mostrar-se bacana
 Se enfeita e se engalana
 Para acolher o Brasil.

23- Promove o turismo por
 Saber que o turismo é
 Indústria que não polui
 Porque não tem chaminé
 Mas traz um progresso baita
 Pois pelo que dar de gaita
 Pode render mais até.

24- Esses eventos dão lucro
 É justo e bom que se frise
 Sendo um jeito inteligente
 Da gente driblar a crise
 Outras edições ensinam
 Que quando as mesmas terminam
 O povo pede reprise.

25- Aqui tem trabalho e festa
 Tem forró, samba e xaxado,
 Feijão verde, mocotó,
 Cana brejeira, picado,
 Papo, peito, coxa e asa,
 Queijo de coalho na brasa

[...]

28- Na nossa Feira Central
 Tem de tudo que se queira
 Se você quiser comprar
 Coisa importante ou besteira
 Podes crer, eu te garanto,
 Não procure em outro canto
 Se não encontrar na Feira.

29- Lá tem pregador de brasa,
 Arreio, ferragem, sela,
 Pote e panela de barro,
 Penico, alguidar, tigela,
 Tem coisa boa e tem tralha
 Chapéu de couro e de palha,
 Pilão, esteira e gamela

30- Na feira de flores tem
 Fumo de rolo e rapé
 Que o homem trinca fino
 Com o gume do quicé
 E prepara um 'boró' grosso
 Para o cliente, seu moço,
 Fumar depois do café.

31- Ainda tem peixe seco,
 Fubá e feijão macassar,
 Espora, amarra, chocalho,
 Arremedo de caçar
 Que soprou vai apitando
 É como estou lhe falando
 Tem tudo é só procurar.

32- Roupa feita, cama e mesa,
 Calçados da região
 Adereços, bolsas, cintos
 As redes de Boqueirão
 Boas de dar de presente
 Feitas artesanalmente
 Em 100% algodão.

33- Caçuá, pau de cangalha,
 Berimbau, quengo e quartinha,
 Pai d'égua reprodutor,
 Galinha gorda e franguinha,
 Joelho, torneira e cano,
 Boneca d'estopa e pano,
 Galo de raça pra rinha.

34- No borbórinho da feira
 Um zum-zum-zum de conversa
 O vendedor diz um preço
 O comprador desconversa
 Esse diz me diz que adoro
 É o retrato sonoro
 De qualquer Mercado Persa.

35- Na feira tem rezador
 Que trouxe o dom de nascença
 Porém a reza só serve
 Se o rezado tiver crença
 Se acaso não tiver
 Seja homem ou mulher
 Aumenta mais a doença.

[...]

38- Tem o cego violeiro
 Que ganha a vida cantando
 Hiper-sensível percebe
 Tudo que está passando
 E descreve no repente,
 Vê mais do que muita gente

Porque vê tudo sonhando.
(MONTEIRO, 2011, p. 6-10).

A conhecida como Feira das Feiras, a Feira Central de Campina Grande é Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil, sendo um marco na produção do espaço urbano de Campina Grande, uma vez que se tornou palco das relações socioeconômicas e culturais, contribuindo no processo de urbanização da cidade. De acordo às ponderações de Dantas (2007, p.18) as feiras proporcionam:

Um grande número de atividades paralelas, o lugar de encontros e reencontros, das conversas, das manifestações populares, da sociabilidade em todas as suas dimensões, e um espaço onde as pessoas realizam diversas estratégias de sobrevivência, [além de ser] o local onde o capital comercial exerce domínio (DANTAS, 2007, p. 18).

Apesar do fato de que as “feiras públicas são, na raiz, uma atividade econômica.” (SPITZER e BAUM, 1995), as feiras compõe um mosaico de relações que não se restringe apenas à esfera econômica. Uma vez que, ocorrem múltiplas e abrangentes relações socioculturais, tornando-se, dessa maneira, um “retrato de um povo que acolhe uma cultura orgulhosa do que tem e do que produz com seu suor, e que possui um expressivo referencial da criatividade e da cultura popular em suas raízes.” (MIRANDA, 2006). Após essas considerações, voltemos à continuidade do cordel *Campina Grande dos meus amores*, em que Monteiro (2011) continua suas rimas sobre a Feira Central da cidade:

39- Na feira o camelô vende
O poraquê de verdade
Óleo santo e milagroso
Para toda enfermidade,
Cura espinhela caída,
Sarna, cobreiro e ferida
E dor de ventosidade.

40- O óleo de poraquê
Grita o camelô, já rouco
Serve para dor ‘encausada’
Cura doido, cego e mouco,
Melhor não apareceu
Um sujeito que morreu
Não curou por muito pouco.

41- Três gotas liquidam as ‘bichas’
Que o povo chama lombriga
Se for intestino preso
O poraquê desobriga
Cura mesmo de verdade
Só não serve pra ruindade

Nem para resolver briga.

42- É bom pra dor de cadeira,
Mucumbu, dor de veado,
Já tem resolvido até
Resguardo desmantelado,
Contudo, é bom avisar,
Que não serve pra curar
Dor de corno conformado.

43- leve três e pague dois
Num preço de rapadura
Promoção desse tamanho
É oferta que não dura,
Aviso a quem me indaga
Moça bonita não paga
Mas nem leva nem se cura.

44- Vá a feira que agora
Tem permuta acontecendo
Ou escambo que é troca,
Ou rolo, melhor dizendo;
No mundo globalizado
A feira é supermercado
Além de atual, crescendo.
(MONTEIRO, 2011, p.10-13)

Assim, percebe-se que na Feira Central de Campina Grande acontecem uma série de ações que dão vida a feira, bem como diferentes tipos de negociações com os mais variados produtos. Dessa forma, proporcionam “uma gama de atividades que se desenrolam através de feiras livres, trocas diretas de produtos entre camponeses, pagamento de trabalho em espécie entre camponeses, compra e venda de animais na comunidade”. (GRAZIANO; GRAZIANO NETO, 1983, p. 99).

47- Lá na feira de raiz
É onde o povo se cura
Pra todo mal tem remédio
Depende só da mistura
Na farmácia vegetal
Tem raiz medicinal
Que serve até pra feiura.

48- Para garganta inflamada
Gargarejo de romã
Para outras enfermidades
Tem carqueja e tarumã,
Caso a barriga reclame
Gengibre, losna e velame,
Colônia, turco, hortelã.

[...]

51- Pra olho gordo e quebranto
 Pegue arruda e faça um chá
 Com alecrim e liamba,
 Fruto e casca de juá
 E é bom que tome bastante
 Barbatimão e levante
 Com vagem de jatobá.

52- Manjericão e alcânfora
 Dão defumação cheirosa,
 Milona, favela, urtiga-
 branca, mororó, babosa,
 Bonome, jurema preta
 Tome sem fazer careta
 Que ajeita pela escamosa.

53- Já tem garrafada pronta
 Coisa que vale um ‘tesouro’
 Reforça em cima e em baixo
 No trabalho e no namoro
 Para a ‘brocha’ ficar sã
 É só tomar de manhã
 Pra de noite dá no couro.

54- Tudo isto está à venda
 Na rua Manoel Pereira
 Chegando lá localize
 Joanhinha Raizeira
 Ela conserta seus danos
 Pois há mais de 30 anos
 Vende remédio na feira.

55- Dona Joana conhece
 De folha, casca e semente
 Pra manusear raiz
 Ela é tão experiente
 Que está em último grau,
 O que ela entende de pau
 Faz inveja a muita gente.
 (MONTEIRO, 2011, p. 13-15)

Outro fato que podemos observar a partir da leitura de Monteiro (2011) condiz à riqueza em forma de saber popular proveniente do uso das plantas medicinais no poder de cura. De acordo com Oliveira (1985b), a medicina popular faz parte de uma esfera de resistência político-cultural em relação à medicina formal ou erudita. À vista disso, a utilização de plantas por raizeiros, herbanários e benzedeiros, compõe uma resistência cultural em frente a um mundo globalizado e cada vez mais homogeneizado.

Como é o caso de Joana Raizeira, outra personagem popular citado por Monteiro (2011), que atua na Feira Central de Campina Grande sendo responsável pela comercialização de

diversas ervas que são prescritas sob a forma de chá, banhos, infusões, garrafadas, etc. Deste modo, é possível observar que o uso de ervas medicinais é um fator histórico na sociedade e se mantém viva até os dias de hoje, formando um sistema alternativo de tratamento de saúde. Assim, “a multiculturalidade emancipatória, por sua vez, é um tema indissociável dos movimentos antiglobalizantes ou que lutam em favor da constituição de uma globalização contra-hegemônica” (GERMANO, 2006a, p. 5).

Dentro desse panorama, é de demasiada importância reconhecermos a relevância do saber popular, o qual foi repassado pelos os seres humanos ao decorrer do tempo e se mantém dentro das tradições de determinado grupos sociais. "Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes" (FREIRE, 2018). Como exemplo de conhecimento popular, está o uso das plantas medicinais, principalmente utilizadas pelas famílias de baixo poder aquisitivo. A seguir, continuaremos com a leitura das últimas estrofes da obra cordelista de Manoel Monteiro (2011, p. 16-17):

56- Também CAMPINA é bacana
 No comércio varejista
 Tem preço e tem qualidade
 Tem prazo a perder de vista
 Comprar aqui dá prazer
 E quer ver bom venha ver
 Preços do atacadista.

57- Grandes indústrias do Sul
 Estão aqui com a gente
 Trabalhando e progredindo
 Numa prova contundente
 Da verdade insofismável
 Que o Nordeste é viável,
 CAMPINA, principalmente.

58- Quem persiste no trabalho
 Ganha o prêmio que merece
 Por isso CAMPINA GRANDE
 No ‘rank’ se estabelece
 Em seu destino fabril
 Como sendo no Brasil
 A CIDADE QUE MAIS CRESCE.

59- Venha nos ver, chegue e fique
 Pra nós será um prazer
 Mas se não puder ficar
 E para não esquecer
 O jeito certo, eu prometo,
 É comprar este folheto
 Para lembrar quando o ler.

60- Se for campinense nato
 Compre este folheto e propague
 Não sendo compre assim mesmo
 Embora depois estrague
 Ou o dê a um qualquer
 Faça dele o que quiser
 Contando que compre e pague.

61- Isto aí é brincadeira
 Do seu velho camarada
 Entre CAMPINA e a gente
 Dinheiro não vale nada,
 O que vale de verdade
 São os laços de amizade
 Por esta cidade amada.

62- Minha CAMPINA de **PRATA**
 Meu amor, minha beldade
O meu xodó é você
 Namoro da mocidade
Tu és todo meu passado
E a minha eternidade,
 Inquieta criatura,
 Roceira, bela e tão pura
OURO em forma de CIDADE.
 (MONTEIRO, 2011)

Dado por fim o cordel do poeta popular Manoel Monteiro (2011) nota-se que por meio das manifestações culturais descritas na poesia é possível identificar aspectos da realidade que nos rodeia, as quais manifestam no espaço vivido. Uma vez que, ao descrever as relações socioespaciais e econômicas através de símbolos e representações da cidade como a Feira Central, os tropeiros, ciclo do algodão e o São João, Monteiro (2011) evidencia em rimas as experiências operadas pelos sujeitos que ocupam o espaço e, retrata as vivências a partir das formas, objetos, fenômenos e experiências e relações estabelecidas no espaço do cotidiano.

4.1 O espaço dos fenômenos e das manifestações

Faz jus iniciarmos a discussão desse capítulo com uma contribuição reflexiva proposta pela geógrafa Calllai (2000), sobre o olhar da análise espacial como núcleo da consciência espacial:

O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis tem que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando (CALLLAI, 2000, p. 94).

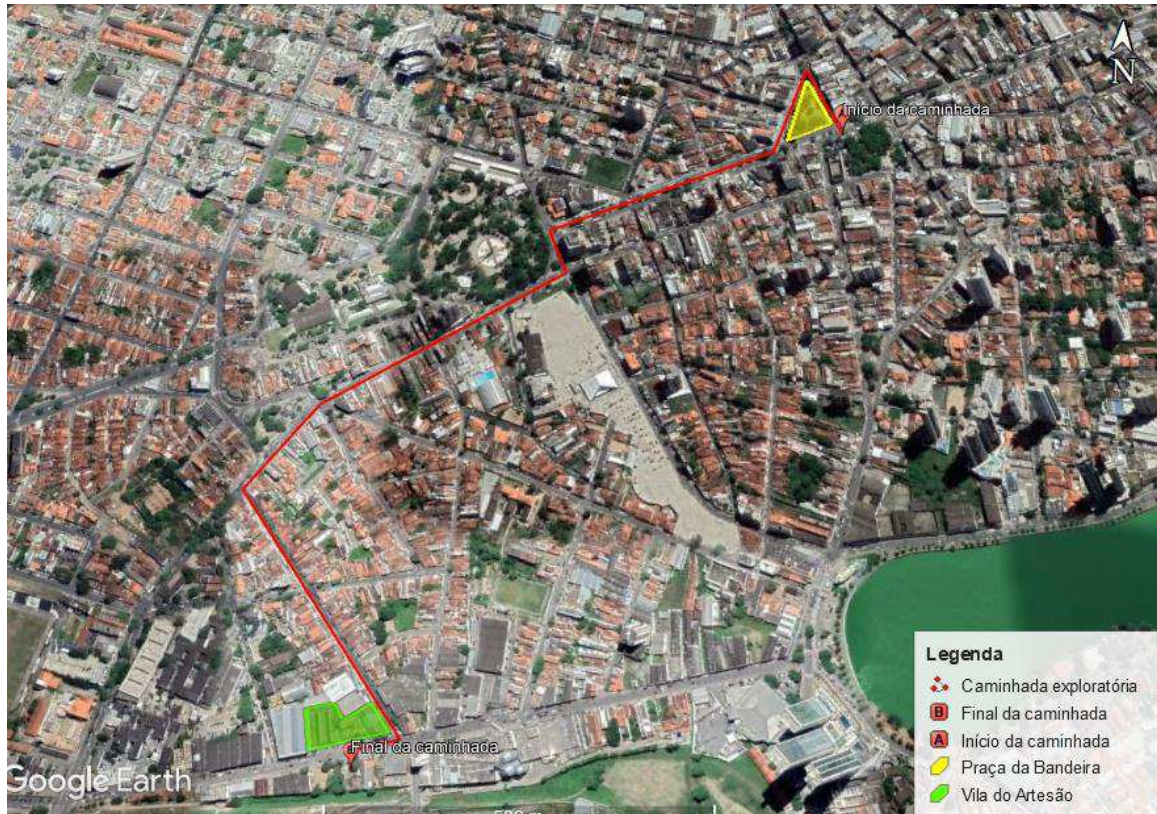
Nesse sentido, Callai (2000) argumenta que o espaço é construído ao longo do processo de construção da própria sociedade [...] se existe uma materialização física da vida, concretizada no espaço, cabe-nos na geografia fazer o estudo e a interpretação dessa realidade, a partir da análise espacial.

Cabe considerar que antes da Vila do Artesão ser selecionada para o recorte espacial da presente pesquisa de campo, houve uma caminhada exploratória no intuito de realizar a leitura da espacialidade das manifestações materiais da Literatura de Cordel no espaço urbano da cidade de Campina Grande de forma abrangente. Assim, observa-se que houve um estudo espacial fora da circulação de folhetos de cordel na Vila do Artesão, pois era necessário como a exemplo da praça da Bandeira, onde há bancas de revistas que expõe e comercializa folhetos de cordel. Entretanto, a Vila do Artesão foi escolhida como recorte espacial pelo fato de ser um espaço sociocultural, onde os folhetos de cordéis ganham mais liberdade e intensidade de revelar suas manifestações. Porém, tal fato não anula a explanação dos resultados oriundos das andanças pelo centro de Campina Grande.

Nossa caminhada começou na Praça da Bandeira, na Avenida Floriano Peixoto, espaço da cidade em que há um grandes fluxos de circulação de pessoas e veículos. Logo ao chegarmos na Praça, foi possível localizar três bancas de revistas, as quais duas comercializavam cordel. Deste modo, pode-se considerar que na Praça da Bandeira há comercialização e a manifestação da cultura popular de cordel, tendo bancas de revistas como ponto de vendas de folhetos.

Tal fato, remete ao passado em que a comercialização dos folhetos ocorre desde seu surgimento nas feiras, mercados, praças e romarias. [...] Convém destacar que a origem do nome cordel encontra-se relacionada à maneira como estes eram vendidos: suspensos num cordão (AQUINO, 2007; ARAÚJO, 2007; QUEIROZ, 2012) Assim, podemos dizer que a literatura de cordel na cidade de Campina Grande é vendida em pontos estratégicos, onde há uma maior intensidade de circulação social. A seguir, a figura 3 (três) traz um dos percursos realizados ao decorrer da pesquisa, trata-se do caminho realizado da Praça da Bandeira para chegar até a Vila do Artesão.

Figura 3 - Caminhada exploratória no centro urbano de Campina Grande



Fonte: Google Earth – Elaborado por Feitoza J. S. (2023)

Os caminhos que percorri ao entorno da Praça da Bandeira foram os mesmos que os poetas fizeram durante o Século XX, popularizando e levando os escritos dos cordéis não só em Campina Grande, mas em todo o Estado da Paraíba. Logo embaixo, a figura 4 (quatro) retrata a comercialização de folhetos de cordel na Praça da Bandeira, mediante uma Banca de revistas:

Figura 4- Comercialização de folhetos na Praça da Bandeira



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2022.

Diante do exposto, antes de adentrarmos para os resultados e discussões da pesquisa de campo na Vila do Artesão, vale destacar a relevância da praça para os sujeitos sociais, principalmente no que diz respeito às práticas de lazer e política, movimentos, estes, que compõe o cotidiano da população, Lima (2013, p. 35) assinala que:

Devemos atentar para o fato de que nos espaços urbanos, as praças são muito mais do que espaços livres; elas estão dotadas de histórias, vivências, experiências, imaginários e simbolismos impressos pelos diversos sujeitos que compõem o seu cenário.

Antes do espaço da Vila do Artesão ser produzido e destinado a ser o espaço vivido das expressões artísticas da cultura popular, os cordelistas se reuniam juntamente com artesãos na Praça da Bandeira no intuito de divulgar e comercializar seus produtos, eles se organizavam conjuntamente em barracas e tendas e ali faziam suas negociações. “A praça pública é o espaço das afectividades e é nela que acontecem os encontros do cotidiano nos grandes centros urbanos.” (PEREIRA, 2008).

4.2 A inserção da cultura popular do cordel na Vila do Artesão

Esse capítulo evidencia os resultados coletados através da nossa pesquisa de campo, apresentando as percepções e vivências dos sujeitos inseridos na Vila do Artesão, destacando sua relação com a cultura popular em forma de cordel, bem como o cotidiano no espaço ocupado. No primeiro momento, destina-se identificar o perfil dos respondentes e seu papel socioeconômico dentro da Vila. Tendo em vista o cumprimento da proposta enunciada na presente pesquisa, as análises e discussões a seguir remetem à continuação do estudo sobre a espacialidade da tradição cordelista dentro do trama da cidade de Campina Grande, revelando os mecanismo de produção, distribuição e comercialização dos folhetos de cordéis na contemporaneidade no espaço vivido da Vila do Artesão. Além dos depoimentos, foi basilar para o horizonte da pesquisa a observação dos fatos do dia a dia e o ingresso ao mundo da Literatura de Cordel pulsante no interior da Paraíba.

A Vila do Artesão localiza-se no bairro São José, na cidade de Campina Grande. Sendo escolhida como local de coleta de dados pelo fato de ser um espaço artístico-cultural que possibilita analisar a espacialidade da Literatura de Cordel dentro do município. O trabalho de campo foi feito com a participação de cordelistas, artesãos, comerciantes, gestores, funcionários e visitantes do espaço analisado. A colaboração com o trabalho ocorreu pela livre e espontânea vontade dos entrevistados que estavam disponíveis em participar. Os instrumentos de coleta dos dados sobre a temática proposta girou-se em torno de questionário com perguntas dissertativas e entrevistas abertas entre os sujeitos que se apropriam do espaço da Vila do Artesão.

A próxima figura foi registrada a partir da entrada principal da Vila, onde encontramos a portaria que dispõe de vigia e porteiro 24 (vinte e quatro) horas. No primeiro plano da figura podemos observar duas mulheres carregando sacolas de compras, andando na lateral dos chalés. Essa é a rua São José, a principal da Vila do Artesão, através dessa rua é possível acessar a Secretária, que dispõe de funcionários no turno matutino e vespertino, ao auditório do espaço e aos chalés que se estabelecem como ponto comercial de expressões artísticas regionais das mais variadas matérias-primas.

Figura 5 - A Vila do Artesão

Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

A Paraíba possui uma vasta riqueza cultural tendo nomes renomados nas mais diversas expressões culturais, seja no ritmo do forró com Jackson do Pandeiro, na poesia de Augusto dos Anjos, na voz de Zé Ramalho, na dramatização de Zezita Matos ou nas rimas de Leandro Gomes de Barros. A Vila do Artesão é um espaço dedicado à valorização e edificação dessa cultura produzida no Estado federativo da Paraíba, bem como de toda a região Nordeste do Brasil. É um espaço que reúne em torno de 300 artistas, em que contam a história das nossas raízes em cada detalhe. A Vila do Artesão está localizada no bairro São José, no município de Campina Grande. Tendo como posto a Av. Prof. Almeida Barreto, como podemos observar na figura abaixo em que apresenta o espaço da Vila do Artesão delimitado.

Figura 6 - Delimitação do espaço da Vila do Artesão no município de Campina Grande



Fonte: Google Earth – Elaborado por FEITOZA J. S. (2023).

A figura 6 (seis) é um registro via satélite, disponibilizada pela plataforma de Geotecnologia Google Earth dois anos após sua inauguração, no ano de 2012. A Vila do Artesão foi inaugurada em 22 de dezembro de 2010, pelo Prefeito Veneziano Vital do Rêgo, e muitos artistas ocupam o espaço da Vila desde sua inauguração. Um dos espaços da Vila do Artesão, destaque para a loja de Socorro, vendedora de cordel e artesanato, que nos responde a ser perguntada sobre a quantidade de tempo que está na Vila: “estou aqui desde o início, desde de quando entregou, sei que fez 12 (doze) anos em dezembro.” Ao perguntá-la sobre sua satisfação com a construção do espaço, ela comenta "a vila do Artesão tá de parabéns, eu acho a vila linda [...] me sinto segura demais aqui, só tenho a agradecer ao pai do céu pela Vila do Artesão [...] é uma maravilha, fazem 12 anos e minhas artes são vistas no mundo inteiro.”

Assim, podemos observar que a artesão se sente realizada em comercializar seus produtos dentro da Vila, visto que a fala leva ao tocante dos sentimentos por traz de sua função espacial, o que nos faz descobrir sobre o enredo dos sentimentos por traz das ações, no momento em que ela agradece às forças do além em sua conquista de venda e reconhecimento enquanto

artista. Testemunho em que podemos observar também nesse outro trecho: "Eu trabalho nem é pensando tanto no dinheiro, mas por causa do amor. Trabalho aqui dentro e quando chego em casa também não paro, tudo isso por amor." (Socorro, 2023).

Por meio da entrevista aberta, deixamos o entrevistado solto para nos relatar de forma livre acerca de sua vivência. Assim pudemos testemunhar um pouco do trabalho realizado por Socorro "aqui é terminando uma coisa e a gente já tem que começar pra outra, termina o natal, eu já começo a trabalhar pro Encontro da Nova Consciência² e pro São João [...] você viu que já fiz umas Marias bonitas? Essas Marias Bonitas, antes de terminar o pessoal já foi levando, já vendi."

Como observado na fala de Socorro, suas peças trazem personagens famosos da cultura nordestina, como a Maria Bonita companheira do valente e temido Lampião. "O turista quando vem tem um canto pra visitar, comprar as lembrancinhas pra levar para os familiares dos personagens. Têm peças de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Maria bonita e Lampião." Além disto, em seu chalé vende-se diferentes produtos manuais, que vão desde peças pequenas como chaveiros, bonecos de pano e tiaras, peças grandes como cactos e arranjos de crochê. Segue um registro fotográfico de seus produtos feito com a sua autorização:

Figura 7 - Bonecos de pano de Lampião e Maria Bonita



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

² Evento realizado na cidade durante o Carnaval que faz convergir a diversidade a partir de encontros que discutem Filosofia, Arte, Espiritualidade e Ciência na busca da fraternidade e melhores caminhos para a humanidade.

Como a figura 7 (sete) nos mostra, o cordel não se mantém como a única expressão cultural na Vila do Artesão, pois em seu espaço vivido, a Vila se estabelece como um tecido que reverbera e valoriza a pluralidade dos artefatos culturais produzidos na região Nordeste. Seja erudito ou popular, aos olhos de todos que chegam os fazem encantar. Aquele que conhece a Vila, boas recordações consigo irá levar. Os sinais visíveis agem no espaço proporcionam experiências engrandecedora pelo contato e construção do conhecimento acerca das manifestações socioculturais movida pela Arte e suas técnicas. Dessa forma, dentro desse espaço de vida e movimento, denota-se o encontro de diversas expressões artísticas como o cordel e o artesanato, os quais se firmam como instrumentos de valorização e afirmação da Cultura.

Figura 8 - Literatura erudita e literatura popular na Vila do Artesão



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

A respeito da comercialização de folhetos de cordéis, Socorro nos conta: "os turistas olham e se interessam. Por ser bem baratinho faz com que eles fiquem feliz para levar." Nesse trecho cedido pela entrevistadora, podemos concluir que o preço acessível do cordel é uma de suas características que está presente desde sua chegada em solo brasileiro, o que ajudou-o a alcançar diversos públicos, fomentando, dessa forma, sua popularização. Tal característica é possível observar até os dias atuais, em que os folhetos são comercializados por um baixo custo e consegue atrair a atenção de compradores.

Figura 9 - Estrofes de folheto de cordel



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

As andanças realizadas através da pesquisa de campo no referido espaço, proporcionou perceber a visitação de vários turistas, identificados pelo jeito de se expressar e pelo seus comportamentos. São sotaques, gestos, sorrisos e culturas que se encontram nas ruas coloridas e acolhedoras da Vila do Artesão. Durante a aplicação da pesquisa de campo constatou-se que o número de visitas do público ao espaço acontece mais em grupos, geralmente de três até cinco indivíduos, em maior frequência durante os horários de 11h da manhã até às 14h da tarde. Perguntado para nossa entrevistada sobre o perfil dos visitantes que costumam visitar seu chalé, Socorro (2022) responde que:

São turistas acompanhados de amigos e também da família [...] ontem mesmo bombou de gente e eu gosto de ter muita novidade pra quando o turista chegar eu ter coisa pra mostrar, né?" Na fala dela, "Os turistas amam a Vila do Artesão e querem conhecer [...] têm turistas que chegam aqui e eu nem lembro mais, mas eles lembram de mim."

Um fato apreciativo em observar durante a realização da análise espacial, condiz aos responsáveis pelos chalés, produzirem escritos, pinturas, costuras e peças manuais ao ar livre reunidos em grupo de artistas enquanto não há o atendimento aos visitantes. Tal cena se repetia demasiada vezes, o que prova haver uma dinâmica social de união e ajuda mútua entre os artesãos, cordelistas e artistas envolvidos no espaço. Ao ser tocado sobre esse tema com nossa entrevistada, ela comenta: "a gente aproveita o tempo, tendo algo pra fazer a gente faz, pra poder

tá trabalhando”. Assim, conclui-se que a Vila do Artesão é um espaço inspirador em que fomenta a produção artística sociocultural. Para Araújo (2007) As relações sociais e culturais entre os sujeitos no cotidiano fomentam a construção da identidade, individual e coletiva, entre os membros do grupo social.

Figura 10 - Sujeitos ocupantes do espaço reunidos em círculo



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

No intuito de saber sobre as atividades realizadas que servem para atrair cada vez mais turistas, aumentando os índices de visitação e vendas na Vila do Artesão, foi levando um tópico no tocante à apresentação de eventos, Socorro (2023), responde: "temos o forró todo sábado na praça, de vez em quando têm outras apresentações e em junho vem as quadrilhas [juninas]" Dessa forma, percebe-se que há a realização de eventos no espaço da Vila do Artesão. Consequentemente, prova-se que a realização desses eventos fomentam as relações sociais e acarretam mudanças na paisagem do espaço. Fato que é possível assimilar à revitalização que ocorreu na praça de alimentação, no relato de Socorro "A praça teve que ser aumentada, aumentaram muito [...] hoje tem o palco pro sanfoneiro tocar, bom espaço pro pessoal dançar e também pra comer."

Após essas primeiras análises do espaço investigado, partiremos para a segunda entrevista realizada com Maria Roseli, artesã que além de comercializar folhetos de cordel

também comercializa peças de decoração, bolsas e trabalhos manuais feitos de pano, como bonecas e enfeites. Ela está na Vila do Artesão há 9 anos, como podemos observar em sua fala: “Estou aqui desde 2013, o espaço foi criado em 2010 e a partir de 2013 me instalei aqui.”

Um fato relatado por Roseli (2023) nos remete ao passado, quando ainda não havia construído o espaço da Vila do Artesão, como podemos ver nesse trecho:

Antes de surgir a Vila, os artesãos ficavam na praça da bandeira, comercializando por lá, montavam as barracas e ficavam na praça da bandeira, daí foi quando surgiu o projeto de construir esse espaço para os artesãos [...] Aqui é bom porque a gente é muito elogiado, as pessoas que fazem a visitação sempre elogiam o espaço, a forma como a gente expõe os produtos e a qualidade dos produtos, mas, infelizmente, a gente falta uma questão, que é a divulga o.

A existência de um espaço como a Vila do Artesão é antes de tudo a valoriza o dos sujeitos que vivem da arte e cultura. Uma vez que eles podem exercer suas fun oes socioculturais por meio de técnicas de trabalho que atendam suas necessidades econômicas. Assim, o espaço produzido, torna-se ocupado mediante a cultura, mas não apenas da cultura, pois Corrêa (2011) destaca que o espaço geográfico   multidimensional, apresentando dimensão econ mica, política, cultural, entre outras.

Após o breve relato exposto pela entrevista Roseli (2023), a qual retratou as dificuldades antes da inaugura o da Vila, adentramos no tocante no que concerne ao público que costuma visitar o espaço. Maria Roseli reforça os comentários de Socorro, a primeira entrevistada, bem como às observa oes do pesquisador, ao comentar que "são pessoas de fora, tanto a visita o quanto com rela o às compras, acontece mais pelos turistas.”

Apesar da grande circula o de turistas, foi possível observar que muitos moradores do município de Campina Grande também frequentam a Vila do Artesão, mas com outros interesses. Durante a pesquisa, verificou-se que durante a semana muitos indivíduos se deslocavam até a Vila do Artesão no horário de almoço para desfrutar da gastronomia t pica nordestina que é servida nos restaurantes e bares da praça de alimenta o, já durante os finais de semanas verificou-se a presença de grupos dançantes e bo mios que se encontravam nos eventos musicais.

Perguntado sobre o evento musical que ocorre aos sábados e o público que costuma ir, Roseli (2023) pontuou que é um evento que não traz negócios para os artesãos, pois eles não se destinam a conhecer os chalés, como podemos notar em suas palavras: “o pessoal que vem pros

forrós aos sábados já vem na intenção de dançar e beber, eles não procuram nos visitar” Diante do exposto, é possível afirmar que a Vila do Artesão se mantém como palco de diferentes interações sociais, fato que reflete na maneira de apropriação do espaço e nas relações traçadas em seu meio circundante.

No tocante à venda de folhetos de cordéis, foi perguntado sobre a quantidade de vendas, Roseli (2023) respondeu:

Aqui na vila as pessoas procuram, mas não é muito não. Eu percebo que os períodos que as pessoas procuram [os folhetos de cordéis] é justamente no período do folclore, onde as escolas celebram datas comemorativas e os pais passam aqui à procura dos folhetos de cordel [...] não sei nos outros chalés, mas em junho eu cheguei a vender uns dez folhetos no mês.

Outro fato relatado por ela, foi a respeito dos clientes que chegam no chalé para fazer a visitação, se deparam com os folhetos de cordéis e acabam comprando ao vê-lo exposto “às vezes o visitante não procura, mas quando ele vê ele tem interesse.”

Posto isto, é possível associar a procura de cordéis apenas em datas relacionadas aos folclores como um ato em que pode se traduzir na desvalorização ou ignorância a respeito da potencialidade dos folhetos de cordel em se firmar como um veículo propagador de boas experiências a partir de sua leitura contínua, a qual une conteúdo e qualidade para servir interdisciplinarmente em todas as temáticas do currículo escolar. E, além do mais, o folclore é cultura de todos os dias.

No tocante à distribuição de cordel, Roseli (2023) afirmou que os folhetos foram entregues pelo próprio cordelista, no intuito de realizar a venda a partir dos chalés da Vila do Artesão, como ela nos relata: “esse senhor que escreveu esses cordéis passou aqui fazendo uma visitação na vila e conversando com a gente nos chalés. Depois ele retornou e perguntou se a gente poderia ficar com alguns dos cordéis dele pra gente tá vendendo, para ajudar ele na divulgação e na venda, quem queria pegava pra ajudar e eu me dispus em ajudar ele”

Posto isto, é possível dizer que poetas e poetisas da Literatura de Cordel frequentam o espaço da Vila do Artesão com o objetivo de expor e vender os folhetos de cordéis. E, vai além disto, uma vez que tamanha afeição pelo espaço da Vila já rendeu até obras desse gênero da literatura popular, como podemos relatar, “quando fui olhar os cordéis, eu me vi na surpresa que tinha um cordel que ele tinha feito com nossa história aqui na vila do artesão. Eu chegava na porta dos chalés avisando meus colegas e começava a ler.” (ROSELI, 2023).

Na vila, além da praça de alimentação e dos chalés há também... "Além dos turistas encontrarem os chalés, aqui nós também temos a bodega, uma casa feita de taipa e a igreja que está em reforma, os turistas entram e tiram fotos." Como nos conta Jane, uma funcionária da Vila do Artesão. Ela continua: "cada chalé pode ser compartilhado até com quatro pessoas, fazendo parcerias com outros artesãos. [...] Além dos turistas encontrarem os chalés, aqui nós também temos a bodega, uma casa feita de e a igreja que está em reforma". Como podemos observar a seguir:

Figura 11 - Casa feita de barro e madeira na Vila do Artesão



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

Através dos geossímbolos mencionados representados no espaço vivido da Vila do Artesão, os quais surgem como resquícios da história da cultura regionalista e da identidade do Nordeste. Garcia (2015, p. 190) assinala que:

O geossímbolo é uma forma-conteúdo da territorialidade de povos e grupos, participando da construção das identidades coletivas e dos debates da geografia cultural. O conceito de geossímbolo é relevante para compreender e analisar as relações estabelecidas entre os homens e as formas-conteúdos que denotam a identidade e territorialidade e a sua representatividade para o outro, especificamente para o turista.

Entretanto, cabe salientar os estudos de Durval Muniz (2011), quando ele fala do Nordeste como espaço da saudade e do atraso, remetendo ao processo de integração do território nacional do Brasil em que o Nordeste aparece como filho reacionário da modernidade, estando

atrelado as políticas negligentes do Estado, as quais os Nordeste eram inventados como “rugosidade do espaço nacional, que surge a partir de uma aliança de forças, que busca barrar o processo de integração nacional, feita a partir do Centro-Sul.” (ALBUQUERQUE JR., 2011,p. 94).

Com alguns vestígios em 1930, mas principalmente a partir de 1950 em diante, vários intelectuais, artistas e pensadores contribuíram para uma nova leitura socioespacial que surgia sobre o Nordeste. Nomes como Gilberto Freyre (1900-1987), Josué de Castro (1908-1973), Chico Science (1966-1997), Celso Furtado (1920-2004) e Ariano Suassuna (1927-2014) foram de extrema importância na luta para a construção de imagens de um futuro que almejava desatrelar das amarras estruturantes impostas no passado, superando, dessa forma, as mazelas econômicas, políticas e coloniais que imprimiam o subdesenvolvimento do Nordeste.

Dando continuidade a nossa pesquisa, serão expostos os registros e análises realizadas na Cordelaria Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes, de administração do próprio cordelista e sua filha Cecília Poesia. Em sua cordelaria, há um rico acervo de cordel tanto de sua autoria como também de outros cordelistas. Em nosso encontro, foi relatado como acontece a produção de xilogravura, técnica em que utiliza-se uma placa de madeira entalhada que serve como suporte da forma que pretende-se imprimir. Abaixo, segue uma figura da cordelaria, Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes, onde ele e sua filha estão a atender dois visitantes:

Figura 12 - Cordelaria Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

Ao ser perguntado quando começou a se interessar por cordel, ele nos responde: “minha relação com a literatura data de muitos anos. Não era, contudo, e de início, uma relação já com a literatura de cordel. Com o cordel podemos dizer que data de uns vinte e poucos anos” Para Josafá de Orós o cordel é “um instrumento privilegiado de difusão do conhecimento, da tradição e ao mesmo tempo é um meio de mudança cultural pelo viés da educação.” Assim, ao ser perguntado sobre os conteúdos elencados pelos cordéis, o cordelista nos afirma:

O folheto contemporâneo aborda todos os assuntos imagináveis. Assuntos ligados a política, a economia, aos costumes, a graça e ao humor, a sexualidade, a história, a própria literatura etc. Podemos dizer que não há limites nem maneiras coercitivas que lhes imponham limites ou regramentos. O cordel em seu início já trazia alguns dos elementos e temas acima citados, entretanto podemos destacar algumas singularidades que eu diria conjunturais. Cito aqui os chamados ciclos temáticos: o cangaço, a graça e a jocosidade, o religioso (beatismo etc). Se bem observarmos os poetas e suas publicações tinham uma relação muito direta com os eventos ocorridos e as demandas por comunicação num momento e numa região em que esses recursos eram muito precários. Os cordéis cumpriam o importante papel de comunicação dos acontecimentos principalmente em regiões remotas do rural nordestino,

sobretudo. Os cordéis eram lidos por pessoas que tinha algum letramento em fazendas, sítios, etc., nesses sertões longínquos. (ORÓS, 2023).

A seguir, a figura de algumas obras que retratam a Feira Central de Campina e a arte de Jackson do Pandeiro através das rimas da Literatura de Cordel:

Figura 13 - Obras sobre folhetos de cordéis



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

Ao continuar da entrevista, foi perguntado à Josafá de Orós sobre os índices de venda de cordel, ele nos relata que: “hoje mesmo recebi uma demanda para escrever um cordel em homenagem a um professor da UFCG. Este receberá o folheto como um dos presentes de aniversário em sua data natalícia. [...] Bancas de revista em Campina Grande expõem cordéis em cartelas/mostruários e ali comercializam essas publicações.” Assim, observa-se que há uma boa procura do público em adquirir novos folhetos de cordel. Para Orós (2023) o cordelista é um pesquisador “ele necessita de conhecimento técnico do ofício, cultura vasta e aberta para glosar com poesia leve e de dados específicos sobre os temas sobre os quais irá escrever. [...] No geral podemos dizer que um cordelista num primeiro momento busca expressão, uma visão de mundo através de um instrumento que lhe incita e lhe dar prazer.”

Em outro momento, veio à tona a confecção dos folhetos de cordéis, no tocante à iniciativas que fomentam a produção e comercialização desse gênero literário. Assim, ele nos diz:

Recentemente o IPHAN reconheceu o cordel e a xilogravura como patrimônio cultural imaterial brasileiro. Isso, contudo, sem o alinhamento com ações concretas de valorização pode significar apenas uma letra morta num papel. Muitos poetas por iniciativa própria e algumas poucas vezes com apoios de entes oficiais (governos etc) realizam ações que redundam em produção e venda desses folhetos. Os poetas Manoel Monteiro e Arievaldo Viana, ambos já falecidos são grande exemplos dessas iniciativas. Atualmente ações como criação de Academias especiais para encontrar, identificar e reunir esses poetas são iniciativas de muito valor para um novo status desse recurso literário tão importante no Nordeste do Brasil. (ORÓS, 2023)

Desse modo, podemos perceber que a Literatura de Cordel necessita de ações concretas em sua valorização no intuito de preservar viva essa herança da cultura popular. Outro fato, condiz aos próprios movimentos realizados pelos cordelistas e Academias, as quais fazem parte para reunir e incentivar na continuação dessa expressão cultural. A nível nacional destaca-se a Academia Brasileira de Literatura de Cordel e, na Paraíba destaca-se a Academia de Cordel do Vale do Paraíba, dentre outras. Sobre a distribuição e comercialização de cordel na cidade de Campina Grande Josafá de Orós (2023) assinala que:

Existem duas cordelarias em Campina Grande. A de Manoel Monteiro, administrada pela sua filha Valentina e a Cordelaria Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes, na vila do artesão administrada pelo próprio poeta e por sua filha Cecília Poesia. Ambas as cordelarias publicam obras dos próprios autores, de poetas que já tem suas obras sob domínio público e muitas vezes adquirem de poetas do entorno ou de outras localidades. O acervo é distribuído em pontos de comercialização como restaurantes, bancas de revistas, loja especializadas, etc.

Podemos conferir a seguir alguns folhetos de cordéis e xilogravuras presentes na cordelaria *Josafá de Orós na Armorial Empório das Artes*:

Figura 14 - Xilogravuras e folhetos na Cordelaria Josafá de Orós na Empório das Artes



Fonte: Jardel Santos Feitoza, 2023.

Relacionado ao adventos tecnológicos resultados do processo de modernização na contemporaneidade, Orós (2023) tem o prazer em dizer que:

A literatura de cordel sobrevive e se fortalece com os novos meios tecnológicos. Com o fim das tipografias e como o advento e o barateamento das tecnologias digitais (computadores, impressoras, etc) muitos poetas se tornaram seus próprios editores. Escrevem, editam, publicam e vendem suas obras. Podemos assegurar que existe os rudimentos de uma certa cadeia produtiva do cordel.

Após a visita à cordelaria, fomos entrevistar Edileusa, turista vinda do Pará que estava visitando a Vila do Artesão. Ela relatou seu carinho por Campina Grande e pela vila do Artesão, em suas palavras: “quando venho até a cidade, em toda oportunidade eu faço uma visita aqui na Vila do Artesão, tenho até umas lojas preferidas.” Deste modo, é possível observar que há turistas que quando conhecem a Vila, se programam para vir de novo, uma vez que o espaço em sua concepção “é propício para conhecer e vivenciar a história do Nordeste.” Além disto, “ênfatisa a arte dos artesãos e poetas cordelistas.” Assim, pode-se afirmar que os turistas que fazem à visitação ao espaço em foco de investigação da presente pesquisa que resultou neste trabalho monográfico se sentem bem ao ter contato com a Vila do Artesão, o que fomenta o trabalho dos artistas e a existência do espaço. Nas palavras de Edileusa (2022):

Aqui você entra e tem que segurar o bolso pra não sair gastando, entendeu? Porque são peças únicas que você sabe que houve uma dedicação exclusiva, com uma proposta e ideia. É uma valorização justamente desse momento, que pra mim é muito engrandecedor. Tem nada a ver com uma coisa que é fabricada em uma indústria com não sei quantas peças, que não teve o amor e o carinho dedicado à peça.

Sobre o povo nordestino, ele diz: "aqui no Nordeste as pessoas são bastante acolhedoras [...] ao passar em cada chalé a gente ver o esforço e as características de cada um." E conta que fica impressionada nos dons artísticos encontradas na peças encontradas na Vila do Artesão e em seu teor histórico-cultural "são peças que enfatizam Lampião, Maria bonita e outros personagens que fazem parte da história do nordeste."

Ao perguntá-la sobre seu contato com cordel, (*ib. id.*) nos relata: "Gosto muito de cordel. Eu venho de uma família, em que meu pai era radialista, foi através dele que conheci mais sobre o cordel, as histórias de botijas, pelejas, por aí vai." Nesse trecho, pode-se concluir que a rádio e outras mídias contribuíram para a popularização da cultura popular do cordel pelo Brasil, uma vez que através dessas redes de comunicação é possível alcançar diversas pessoas em diferentes localidades com as rimas cordelistas. Ainda sobre essa questão, Edileusa (2023) nos diz: "Meu pai faleceu, mas a continuidade está nos filhos, meu irmão é jornalista aqui em Campina Grande e ele tem uma coluna na rádio daqui, onde existe esse momento de valorização da Cultura em que fala sobre as questões dos cordéis com artistas daqui mesmo." Assim, percebe-se que nos dias atuais o rádio tem um papel importante na divulgação e valorização dos folhetos de cordéis e dos cordelistas.

Perguntado sobre a aquisição de folhetos de cordel, ela responde: "eu consigo ter acesso aos cordéis em dois lugares, primeiro aqui na vila do Artesão e também em alguns Sebos lá pelo centro. São nesses dois pontos que encontro a Literatura de Cordel."

Deste modo, é possível observar que a manifestação material dos folhetos de cordéis não se limita a Vila do Artesão, uma vez que são divulgados e comercializados em bancas de revistas na praça da Bandeira, integrando a espacialidade da Literatura de Cordel na cidade de Campina Grande. Tais bancas de revistas também são visitadas pelo nosso próximo entrevistado Dwight, visitante em que estava na Vila do Artesão em busca de cordel para aumentar seu acervo. Deste modo, percebe-se que as bancas de cordéis na praça da bandeira também recebem pessoas que consomem o trabalho dos cordelistas. Dwight é colecionador de folhetos de cordéis e um dos idealizador do projeto em construção *cordelteca digital*. Ele nos

diz “consigo encontrar os folhetos de cordéis também nas bancas de revistas no centro da cidade, na banca de Orlando, na banda de Suane e tem também lá no Sebo de Ronaldo, lá você acha também.”

Assim, nosso entrevistado Dwight (2023) continua “se você começar olhar cordéis por aí, têm muitos cordéis que são assim: a peleja de fulano com fulano de tal, o que é aquilo? É nada mais do que isso: aqueles caras que toca em feiras fazendo confronto de rimas, pode observar nos títulos por aí.” Um fato observado por (*ib. id.*) é sobre as pelejas, rimas entre dois personagens do cordel. Um exemplo é a obra *A peleja da alforriada no tribunal da Paraíba* do cordelista Dalmo Oliveira feita no ano de 2022, uma narrativa sobre uma escrava paraibana que lutou contra a opressão escravocrata para ter a alforria.

Com a pesquisa de campo, que iniciou em agosto do ano de 2022 e finalizou-se em fevereiro de 2023, foi possível identificar a Literatura de Cordel com suas representações, que se mantém como um instrumento de cultura popular, a qual se constitui como veículo propagador de boas experiências por meio da leitura que potencializa conhecimentos, releva realidades, constrói o pensamento crítico, retrata o espaço geográfico e nos permite se deixar encantar com sua natureza de autenticidade. “Eu costumo dizer que o cordel é uma sinfonia da poesia popular.” Dwight (2023).

CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a cultura popular da Literatura de Cordel revela-se com toda suas cores e rimas como uma manifestação cultural materializada no espaço atingindo uma proporção simbólica da realidade. Os resultados extraídos desta pesquisa revelam que a cultura popular nordestina em forma de folhetos de cordel resiste ao passar do tempo, atravessando gerações e se aperfeiçoando à mudanças advindas do processo de modernização. Uma vez que, são produzidos, divulgados e comercializados na cidade de Campina Grande por pessoas ligadas ao movimento cultural da Literatura de Cordel que data do Século XIX com os primeiros folhetos impressos de forma sistematizada no Brasil.

A produção, divulgação e comercialização dos cordéis se dão no espaço vivido, o mesmo onde a cultura popular se instaura com suas percepções materiais e inspirações imateriais. Da mesma forma como somos produtos do espaço, também somos produtores dele. Nesse desenrolar da história do desenvolvimento da consciência, as aspirações fenomenológicas surgem e nos fazem valorizar aquilo que na verdade são nossas raízes e compõe a nossa existência.

De lá pra cá, desde quando chegou ao Brasil o cordel passou por algumas mudanças que foram acompanhando as transformações do país. Assim, o cordel dentre tantas outras funções, servia de meio de comunicação para manter o povo bem informado. Contou-nos em rimas sobre os fatos históricos e cravou-nos boas recordações de alegrias. A Literatura de Cordel é um instrumento de valorização da cultura popular brasileira ao mesmo tempo em que encanta, também alerta. É o conhecimento expresso de outros modos, onde não precisa da aprovação de críticas e nem de se empoeirar em museus.

A literatura de Cordel é vida, assim como aqueles que lhe admira. Atualmente, além de o cordel ser materializado para venda, também há acervos disponíveis em bibliotecas digitais com obras em domínio público. Fato que só foi possível se concretizar devido ao avanço da tecnologia. Ademais, esses novos recursos cibernéticos também são utilizados pelos poetas e poetisas na confecção dos folhetos, nas técnicas de impressão e edição dos cordéis. Deste modo, é possível afirmar que a literatura de cordel, enquanto refletora e reflexo da cultura popular se mantém viva nos dias atuais, atraindo novos leitores e ocupando novos espaços.

REFERÊNCIAS

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Eivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999. 2.ed. 2006.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Edições da Livraria Pedrosa. Campina Grande-PB.

AQUINO, Vanessa Alessandra. **Literatura de cordel e jornalismo: a poesia popular como decodificador de informação**. 2007. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação) Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Comunicação Social, Brasília, 2007.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de A. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de saberes**. 2007. 259 f. TESE (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação João Pessoa, 2007.

BRAGA, Medeiros. **O cordel em cordel: uma explanação sobre o cordel na versão do cordel**. Mossoró, RN: Queima-Bucha, 2020.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André (Orgs.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CARVALHO, F. Gilmar de. **Artes da tradição: mestres do povo**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia. In: HADDOCK-LOBO, Rafael (Org.). **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, S/D.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009. p. 11-43.

_____. Geografia Cultural: um balanço. **Geografia**, v. 20, n. 3, Londrina, p. 05-24, set./dez. 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. Introdução à Geografia Cultural - 5º ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CORREA, Wanderley de Melo; CORREA, Luiz Fernando de Melo; ANJOS, Marcos Vinicius Melo dos. **Sergipe nosso Estado - História, Geografia e Cultura**. Aracaju, SE: Edições Sergipe cultura, 2011.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DANTAS, Geovany Galdino. Feira de Macaíba/RN: um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2007.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. In Prefácio de Nordeste: A inventiva Popular, de Maior, Mário Souto. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra/ Instituto nacional do Livro, 1978

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

HAURÉLIO, Marcos, 1974-. **Breve história da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

JOFFILY, Irinêo. **Notas sobre a Parahyba**. Brasília: Thesaurus. 1892.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Rosilene Silva A. de. BURITI, Catarina de Oliveira. BEZERRA, Hallyson Alves. PATRÍCIO, Maria da Conceição Marcelino. Abastecimento de água em 57 Campina Grande (PB): um panorama histórico. In: Campina Grande hoje e amanhã/ Antônio Guedes Rangel Junior; Cidoval Morais de Souza. – Campina Grande: EDUEPB, 2013, P. 15-28

GARCIA, R. M. de P. **Representações sociais e o turismo**: consubstanciação de geossímbolos. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.182-194, ago. 2015.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Papéis atribuídos à leitura/audição de folhetos. In: **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial).

GUILLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Rio: Civilização Brasileira, 1965.

HOLZER, W. **A geografia Humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

ISNARD, Hildebert. **O espaço Geográfico**. Coimbra, Almedina, 1982.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MARINHO, Samarone Carvalho. **Um homem, um lugar**: geografia da vida e perspectiva ontológica. Tese de doutorado. Departamento de Geografia da USP. São Paulo, 2010.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**–São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: Letras, 2010.

MELO, Veríssimo. Literatura de cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel**: antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994.

OLIVEIRA, Andréia Sgarioni. **Literatura de cordel**: análise sobre suas abordagens no ensino fundamental. 2018.

ORTEGA, Any Marise; PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens; SANTOS, Fábio Cardoso dos. **A literatura no caminho da História e da Geografia**: práticas integradas com a Língua Portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.

QUEIROZ, Paulo Marcio S. de. **Cordel**: um instrumento para a educação Ambiental. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Ambiental). Universidade Católica de Salvador, Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Salvador, 2012.

SANTOS, Milton, **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2004.

SILVA, Amanda de Oliveira. **Clássicos do cordel**: desenvolvendo o projeto gráfico de uma coleção de folhetos da literatura de cordel. Caruaru: A autora, 2012.

SPITZER, Theodore Morrow; BAUM, Hillary. **Public markets and community revitalization**. Washington: ULI - The Urban Land Institute and Project for Public Spaces, Inc., 1995, 120p.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção**: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012.

SWYNGEDOUW, E. **A cidade como um híbrido**: natureza, sociedade e “urbanizaçãocyborg”. In: ACSELRAD, H. (Org.) A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

TARGINO, Itapoan Bôtto. **Preservação do patrimônio ferroviário**: as estações de trem da Paraíba. João Pessoa: Ideia, 2001.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de Lutas**: Literatura de Folhetos do Nordeste. São Paulo: Global Ed., 1983

VIANA, Arievaldo. Acorda cordel na sala de aula. **O Mossoroense**, Mossoró, RN, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos vendedores:

1. Qual é a frequência da quantidade de vendas de folheto de cordel?
2. Quando começou a venda de cordel?
3. O cordel é bem procurado pelo público?
4. Como são distribuídos os folhetos de cordel dentro da vila do artesão?
5. São feitas apresentações de cordel nesse espaço?
6. Tem algum incentivo direcionados à vendas de cordel?
7. Qual a sua opinião sobre a literatura popular de cordel?

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos visitantes:

1. Qual sua opinião sobre a vila do artesão?
2. É a primeira vez que visita? Voltaria a visitar?
3. Você já leu/comprou cordel aqui na vila? E em campina grande?
4. Qual sua opinião sobre a literatura de cordel?

APÊNDICE C – Questionário aplicado aos funcionários:

1. Teve alguma revitalização desde sua inauguração?
2. Qual o número de funcionários?
3. Quantos chalés têm na vila do artesão?
4. Quais são os serviços disponíveis aos visitantes?
5. Quais os índices de visitação?
6. Qual os dias e os horário de expediente?
7. Qual órgão político administra a vila do artesão?
8. Quais eventos há na vila do artesão?

APÊNDICE D – Questionário aplicado aos cordelistas:

1. Quando começou a se interessar por de cordel?
2. Quais são os assuntos mais abordados?
3. O que um cordelista precisa saber antes de começar o cordel?
4. Qual a função do cordel? O que busca o cordelista?
5. Há alguma iniciativa para a produção e vendas de cordéis?
6. A cultura popular do cordel se mantém viva mesmo com os adventos tecnológicos?
7. O público procura cordel? Há boas vendas?
8. Como os cordéis são distribuídos em campina grande?